

AGORA TE VEJO

Edna Cassiano

Brasília - DF
Janeiro 2002



Dedicatória

Dedico este livro àqueles que me ensinaram sobre o amor, me amando. A Deus, que me ensina sobre a plenitude desse sentimento-vivência e sempre me surpreende. Aos meus pais pelos ensinamentos que fizeram de mim o que sou, me ensinando com seu exemplo valores como: integridade, verdade, perdão, segurança, firmeza, doçura e amor que de graça se dá, porque de graça se recebe. Aos meus filhos com quem estou sempre aprendendo, verdadeiro tesouro que o Senhor me confiou. Aos meus irmãos, companheiros leais na caminhada da vida. Aos amigos próximos ou distantes, mas com um registro de afeto no meu coração.

ÍNDICE

AGORA TE VEJO	04
A ENCANTADORA BELEZA DA JUVENTUDE	11
AO CHEIRO DAS ÁGUAS	13
IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS	16
JONAS E AS MURALHAS DE JERICÓ - INVESTINDO EM DEFESAS	19
REFLEXÕES	22
AMOR E PAIXÃO	25
MEDO	30
RESSURREIÇÃO E VIDA	32
UMA MULHER CHAMADA RUTE	34
O SABER CONSEQUENTE	37
A RELAÇÃO DE PRAZER NA TRINDADE	40
EU SEI UMA COISA BOA SOBRE VOCÊ	42
O ANDAR NO ESPÍRITO	45
RELACIONAMENTOS	49
O CHAMADO	52

AGORA TE VEJO

“Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te vêem” Jó 42:5

Não me agrada falar sobre o que não entendo ou conheço. Não me agrada também, que algumas experiências pessoais relatadas por homens e mulheres comprometidos em amor com o Deus que consideramos Senhor, sejam lamentavelmente consideradas por alguns como padrão geral a ser adotado. Conquista-me, o fato de que mesmo sendo Deus tão Poderoso e Absoluto e digno de tantos outros adjetivos que lhe podemos atribuir, não nos trate de forma generalizada ainda que nos chame povo. É capaz de nos ver e relacionar-se conosco individualmente. Portanto, quando entendo que devo – e mais do que isso – quando desejo compartilhar minhas vivências, não pretendo que alguém as tome como padrão. O que anseio em meu coração é que elas sirvam para edificação do Corpo, daqueles a quem essa palavra alcançar. Desejo que seja mais uma referência quanto à diversidade de atuação desse Deus tão belamente criativo. Desejo que em meio a esta multiplicidade encontremos pontos em comum que presentifiquem a Unidade que nos caracteriza como Reino, do qual Cristo é o Senhor.

Enquanto me detenho em escrever, estão em minha mente as seguintes palavras: “Ele opera em nós o querer e o efetuar”. Definitivamente esta é uma experiência sobre a qual quero compartilhar.

A Bíblia é sem dúvida o livro mais lido e estudado em grande parte do mundo. Quer sob o ponto de vista religioso ou histórico. É um livro adorado, questionado, odiado, reverenciado e interpretado sob as mais diversas óticas. O fato é que, por mais que alguns queiram negar, é sobrenatural que escrituras que datem de tempos tão remotos provoquem até os dias de hoje a curiosidade de tantos, levarem tantas polêmicas, sejam capazes de contextualizar-se e, mais intrigantemente, provoquem *mudança de vida* naqueles que não se negam o desejo de devorá-las.

Nasci em lar cristão, provavelmente tão natural como aprender dizer “papai” ou “mamãe” tenha sido dizer: “Deus é Amor”. O acesso às escrituras

esteve presente em toda a nossa formação cotidianamente. Lembro-me que sempre tive interesse por esta Palavra. A reunião da igreja que mais me atraía era a escola Dominical. Lembro-me também que aos 11 anos contava dias, horas e minutos na ansiedade de completar os doze anos e poder freqüentar a classe de adolescentes. A classe de Juniores não me satisfazia mais, queria novos aprendizados. Nesta época ainda não tinha descoberto que essa *ânsia por saber* não era apenas uma fase, mas sim uma característica pessoal que, espero, sempre me acompanhe. Minha confissão de fé foi aos treze anos. Na verdade, foi consequência natural do que havia crido e aprendido, não apenas na igreja, mas principalmente em casa através da nossa mãe e da influência dos avós maternos, dois maravilhosos e valorosos missionários, amigos de Deus. Meu pai naquele tempo era um “simpatizante” de nossa vinculação religiosa, sua experiência pessoal com o Sagrado se deu bastante tempo depois. Entretanto, na nossa infância esteve sempre presente em nossas idas à igreja, ajudava minha mãe a nos levar, tarefa nada fácil para quem teve seis filhos com pequenas diferenças entre eles. Ele era também o responsável pelos melhores momentos da manhã de domingo, entre a escola dominical e o culto ele patrocinava a pipoca e os doces que eram vendidos ali por perto. Continua sendo uma agradável lembrança. Nós sempre participamos das atividades propostas pela igreja e dos grupos correlacionados a nossa idade. Entre 16 e 22 dois anos já tinha exercido vários cargos: professora de adolescentes, professora de jovens, superintendência e secretariado da escola dominical, segunda secretária da igreja e até membro da diretoria financeira da igreja. Só mais tarde me dei conta da atitude até ousada e da confiança em mim depositada por parte da igreja e do pastor. Este último cargo mencionado era uma posição basicamente masculina confiada a *adultos*. Com certeza, por isso mesmo, não me identifiquei ali, ficando apenas alguns meses. Eu estava no terceiro semestre da faculdade, tinha vinte anos e muita impulsividade. Nesta idade tendemos ao imediatismo, queremos mudar tudo e acreditamos que sabemos muito mais que os outros - os adultos. Ser professora da classe de jovens e mais tarde da classe de adultos era um desafio que me atraía, porque precisava estudar, aprender para ter do que falar.

Nos anos que se seguiram, ao aproximar-se o término da faculdade eu sentia que precisava tomar algumas decisões. Sendo franca, casamento não era algo que fazia parte dos meus planos naquele momento, tinha o desejo de ser mãe, mas era um projeto para algo em torno dos trinta anos. O que se passava em minha mente era comprar um apartamento - já tinha condições de fazê-lo - e ir morar sozinha, dar prosseguimento aos estudos. Ocorre, que este tipo de pensamento para quem está debaixo de uma estrutura de vida religiosa, acaba gerando um forte conflito pessoal e interpessoal. Não me interessa polemizar,

mas o que todos esperam está devidamente registrado e sancionado. Fazer diferente é ter todo o seu mundo contra você ou viver a margem dele. A idéia de sair de casa sem necessariamente haver um casamento não foi bem recebida.

Até então, tudo em minha vida era ascendente. Eu era bem sucedida em todas as coisas para as quais eu dava importância. Tinha um alto conceito de mim mesma. É bem possível que naquele momento eu pensasse de mim além do que convinha. A visão era bem legalista, Deus não faziam além do esperado me abençoando, afinal eu era uma pessoa “certinha”. Claro que existiam bagunças típicas de jovens que fazíamos em grupo ou individualmente, mas nada além de inocentes experimentações. Então, chegou o momento de escolher o rumo a tomar. Apesar de gostar de desafios, não me pareceu estimulante quebrar paradigmas tão fortemente enraizados na minha cultura. Se para alcançar meus objetivos era preciso casar, resolvi que me casaria. Escolheria alguém que também fosse cristão, Deus me abençoaria e tudo daria certo, como sempre havia sido. Naquela época, em nosso meio religioso a pessoa do Espírito Santo era apresentada de forma extremamente limitada. O que nos passava era a idéia de que Ele era um hóspede em nosso coração. Era ressaltado, apenas como o Consolador, o que não quer dizer muito para quem ainda não sabia o que era dor. Não o consultei. Não pedi opiniões. Fiz uma escolha que ninguém entendeu. Contrariei meus pais. As pessoas mais próximas e mesmo as menos próximas se surpreendiam e diziam não entender minha escolha já que ninguém via qualquer afinidade entre nós. Para ser precisa, eu mesma só entendi o porquê daquela escolha mais recentemente durante minha formação psicanalítica. Na época era uma obstinação, ainda que eu não enxergasse assim. Para cada argumento que utilizavam em contrário eu tinha outros escolhidos sob uma áurea de altruísmo e doação. Aquilo que não era adequado eu faria vir a ser. Poderia mudá-lo. Em bem menos de dois anos de casada, percebi que havíamos cometido um erro na origem. Eu estava apaixonada por um projeto idealizado e a outra pessoa correspondeu a paixão aceitando-a por suas próprias razões. Apenas isso. Fomos “úteis” e “convenientes” quando nos encontramos.

Minhas convicções religiosas e todo o contexto, a preocupação com *o olhar dos outros*, me faziam acreditar não haver outra saída a não ser permanecer e lutar para consertar tudo. Reconhecendo o erro, eu mesma não me perdoava, acreditava que deveria “pagar” por ele enquanto vivesse. Achava justo. Achava que era assim que Deus via. Confesso que apesar de todo sofrimento que isso envolveu ano após ano, penso que teve um aspecto positivo do qual falarei mais à frente. O fato é que tudo foi ficando cada vez pior. Passaram a ser anos de cativeiro, acredito que para ambos. Situações que para mim eram inimagináveis. Para quem não conhecia sofrimento, passei a achar que tinha nascido para

sofrer. Foram perdas sob vários aspectos, inclusive, materiais. Frustração, dor, angústia e desesperança que culminaram com uma confissão de adultério que ouvi no início de uma madrugada de domingo. Não creio que existam palavras que expressem o que se sente num momento como aquele, mas o amigo Davi pode nos ajudar com este salmo que eu havia lido no dia anterior e percebi que o texto falava comigo, como que me preparando: “Com efeito, não é inimigo que me afronta; se fosse eu o suportaria; nem é o que me odeia quem se exalta contra mim, pois dele eu me esconderia; mas, és tu homem meu igual, meu companheiro e meu íntimo amigo. Juntos andávamos, juntos nos entretínhamos e íamos com a multidão à Casa de Deus”. Salmo 55: 12 a 14.

Após ouvir tudo o que foi dito, com todos os detalhes, que até seriam dispensáveis, permaneci ali, chorando e pensando o quanto tudo tinha sido em vão, já que tanto empenho não foi valorizado. Os momentos que se seguiram tornaram-se um divisor de águas na minha vida. Uma voz interior que eu já ouvira antes, mas não sabia quem de fato era, falou-me como sempre falara de forma suave, firme e acolhedora. Disse-me: “Vem e Vê!”. Você pode conceituar o que agora digo como quiser: sonho, visão, devaneio. Sem pretender ser rude, não me importo. Penso que pode ter sido um sonho talvez em função do desgaste e do cansaço. Vi a mim mesma, acompanhada pelo dono da voz - que eu não via, mas sentia sua presença - num plano superior, observando uma cena que transcorria logo abaixo. Era noite, a luz vinha da lua e das estrelas, um homem só, de joelhos, recostado em uma pedra chorando. Eu sabia que era Jesus e aquele lugar era o Getsemani. Apesar de não ver seu rosto era capaz de perceber sua dor. Ouvi então: “Vê? Não há nenhuma dor que você sinta que Ele já não tenha sentido. Suas dores são fruto, muitas vezes, de seus próprios erros, mas Ele sofreu apenas por Amor “. No livro de Hebreus 4: 15 e 16 está dito: “Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna”. A partir dali, tudo que eu sabia intelectual ou intuitivamente acerca de Jesus passou a ter forma e consistência. Considero este momento muito próximo ao que imagino ter acontecido com Jó. Não era uma questão de visão em termos de sentido. O que estava acontecendo é que Jesus deixava de ser na minha vida a palavra de sacerdotes, amigos, irmãos. Era muito mais do que as letras formando palavras, frases e mensagens na minha bíblia. Eu não apenas ouvira falar, não apenas compreendia racionalmente, agora, meus olhos o viam. Agora, Ele era um registro impresso no meu coração, fazia parte de mim como o sangue que corre em minhas veias. Naquele momento compreendi quanto amor estava envolvido em seu nascimento, sofrimento, morte e ressurreição. As palavras: “Deus é

Amor” ganharam vida, passaram a fazer todo o sentido. Não apenas racional, intelectual. Eu o estava vivenciando. Interpretando posteriormente estes fatos, imagino que, possivelmente naquele momento minha maior necessidade era sentir-me amada. Foi o que aconteceu. Percebi-me de novo naquele pequeno quarto de brinquedos onde havíamos conversado. Mas, agora eu sentia acolhimento e percebia sobre mim um olhar de afeto que protegia, que cuidava. Ao amanhecer do dia fui até meu quarto. Eu estava impactada com tudo aquilo, meu espírito abatido e ao mesmo tempo surpreso, minha sensação era de que eu iria morrer. Pedi a Deus que me dissesse alguma coisa, abri a bíblia aleatoriamente e meus olhos foram direto no seguinte versículo: “Não morrerei; antes viverei e contarei as obras do Senhor”.Salmo 118:17. O início de uma série de mudanças estava declarado ali. Ao longo do dia consegui disposição para ir a igreja à noite. O pregador era alguém de outro estado. Ao nos convidar a ler as escrituras anunciou que estava ali para dizer a alguém que: “o peso será tirado do teu ombro, e o seu jugo do teu pescoço, jugo que será despedaçado por causa da unção”.Isaías 10:27. Imediatamente compreendi o significado daquelas palavras na minha vida. Saí dali crendo que algo novo se faria, ainda que não soubesse exatamente o quê. Sentia literalmente como que se uma tonelada estivesse sendo retirada dos meus ombros. Senti-me livre como nunca havia sentido antes. Agora, me aproximava novamente de um momento onde seria necessário tomar decisões, fazer escolhas. A presunção e a auto-suficiência, a imaturidade e a religiosidade tinham dado lugar à humildade e a sensibilidade, a reflexão e a intimidade com Deus. Foram meses que se seguiram até as decisões. Não havia pressa, nada foi impulsivo. Nesse ponto, eu retomo o que disse anteriormente sobre o aspecto positivo dos anos de tentativas. Quando saí daquela relação sabia que havia feito o possível e até o que imaginara impossível para sustentá-la. Fiz o meu melhor. Investi o que tinha. Numa relação a dois não há vítima e culpado. O que existe são pessoas que erram e acertam, que se amam ou deixaram de se amar, que nunca se amaram e se uniram pelos motivos mais diversos. Havia alguns caminhos possíveis: poderia deixar meu coração livre de ressentimentos e continuar investindo em viver com alguém com quem eu sabia não estabelecer nenhuma relação de complementaridade; poderia estar livre de ressentimentos e dar-nos a chance de todas as novas possibilidades de viver e ser feliz; poderia viver amargurada e infeliz permanecendo ou partindo. Escolhi o mais ousado, fiz a escolha da travessia pelo Jordão e decidi acreditar em todas as possibilidades de vida expressas na figura da *terra prometida*. Fiz a escolha de Calebe, sabia que enfrentaria problemas, mas o Deus que eu descobrira não nos trata segundo nosso merecimento e sim segundo a sua misericórdia. Entendi que Ele nos criou com o propósito de glorificá-lo em nossas vidas e mais do que qualquer outro quer nossa felicidade. Estava segura de contar com sua benção, cuidando de cada um de nós. Cada passo dado a partir de

então, teve a firmeza de quem não tem do que se envergonhar e a convicção de quem tem consciência do que está fazendo.

Algum tempo atrás revivi simbolicamente esta fase da minha vida através de um filme. Cinema é uma das artes que eu mais aprecio. A linguagem cinematográfica é fascinante e impressionante. O título original do filme é *Cast Away*, em português traduzido como *O Náufrago*. Fiquei fascinada com a similaridade que observei a começar pelo período do quatro anos na ilha vividos pelo personagem principal e os últimos quatro anos daquele casamento. Estar só estando acompanhado (a) é, talvez, pior do que estar geograficamente só. Eu me devotara tanto inicialmente ao outro que fui deixando de dar valor a muitas outras coisas também importantes. Fui me desautenticando, vivia para o outro. Quando os piores momentos me chegaram estava só. Sem contato com amigos, sem referências externas, sem prazeres, sem atualização intelectual que sempre me foi importante, sem motivações, sem nada. Fora de mim havia pessoas que me amavam. Eu sabia do amor de Deus, da minha família, de alguns amigos. Sempre estiveram presentes, entretanto, eu estava isolada do restante do mundo, acreditava que não tinha o direito de envolvê-los nos meus problemas. Foi um tempo de silêncio e solidão, como no filme. O personagem principal tinha um lema: “o tempo nos salva ou o tempo nos mata”. Ele era um homem de visão cartesiana, rígida consigo mesmo e com os outros, seguro de sua capacidade e auto-suficiente. Outra similaridade entre nós, eu acreditava que a razão protege da dor. Então, veio o inesperado. Nada estava mais sob seu controle. O episódio da tentativa de suicídio me fez lembrar momentos que eu também vivenciei. Quando ele percebe que está perdendo o controle sobre as circunstâncias acredita que a única coisa que ainda podia controlar após três anos de ilha era: como, quando e onde aconteceria sua morte. Fez a corda e subiu no penhasco para suicidar-se. Resolveu testar a eficácia do plano (claro! Raciocínio lógico, fluxogramado...). O peso do tronco que usou – aproximadamente o dele – quebrou o galho da árvore. Percebeu, então, que não podia sequer se matar como queria. Não tinha poder sobre nada. Finalmente, ao entender isso, ele é envolvido por uma sensação reconfortante, como narra ao seu melhor amigo numa das cenas finais. Ele diz: “Eu sabia que de alguma forma tinha que ficar vivo. De alguma forma tinha que continuar respirando, mesmo sem motivos de esperança. A lógica dizia que eu nunca mais voltaria para casa de novo. O que fiz foi continuar respirando”. A lógica estava errada, ele voltou para casa. Estava triste por não ter a mulher que amou durante aquele tempo, mas grato por ela ter estado com ele naquela ilha, em seu coração. Termina dizendo: “Eu sei o que tenho que fazer agora. Tenho que continuar respirando, porque amanhã o sol nascerá e quem sabe o que o amanhã pode trazer?”.

Como ele, durante o tempo de “ilha” não tinha certezas à não ser a de que precisava continuar respirando. Tinha o amor pelos que me são queridos. Tinha na mente palavras que vez por outra me ocorriam e inquietavam : “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” João 10:10. Onde ela estava ? Eu queria descobrir. Na última cena do filme quando o personagem de Tom Hanks está no centro do cruzamento, o que ele faz é olhar para a câmera e sorrir. Não contive a emoção e sorri junto com ele por entender tão bem aquela simbologia. Ele já não era mais o mesmo. Tinha sido enormemente acrescentado por toda aquela experiência. Sabia coisas a respeito das quais antes não fazia idéia. Agora, valorizava coisas que realmente tinham valor. Apreciava o tempo sem pressa. Tinha crescido, tinha amadurecido. Estava pronto para enfrentar *a outra margem do rio*. Estava aberto para o novo. Aquele sorriso significava : “Estou livre, estou em paz, estou inteiro, sei quem sou”.

Não sei qual o seu momento de vida, mas seja o que for que estiver vivendo, viva intensamente. Tire o melhor proveito de tudo, inclusive das adversidades, aprenda com elas. Creia sempre que o sol nascerá - ainda que as nuvens venham a escondê-lo, ele estará lá - e lembre-se: “Quem sabe o que o amanhã pode trazer?”.

Que o Deus, criador do brilho do sol ilumine sempre sua vida!

A ENCANTADORA BELEZA DA JUVENTUDE

“Os justos florescerão como a palmeira, crescerão como o cedro no Líbano”.
Estão plantados na casa do Senhor, florescerão nos átrios do nosso Deus.
Na velhice ainda darão frutos, serão viçosos e florescentes,
Para proclamarem que o Senhor é reto. Ele é a minha rocha, e nele não há injustiça.”Sal 92:12-15”.

Uma fase da vida que me encanta tremendamente é a juventude. Pelo viço, pela intensidade, pela curiosidade, pela disposição para aventuras, pela liberdade de sonhar sem medo, acreditando na possibilidade de que seus sonhos se realizem e, até, pela inquietação. É maravilhoso! Entretanto, descobri que características que identificam juventude, não estão necessariamente associadas à idade cronológica e sim a capacidade de sonhar. É possível até, estar legislando em causa própria, já que me considero iniciando a vivência da maturidade. É bom querer mais e não ignorar isso.

Recentemente ouvi uma música chamada Dreams, que me emocionou e provocou esta reflexão que compartilho com você. Era a voz suave de uma mulher, provavelmente muito jovem, com um arranjo bem cuidado e uma forma despretensiosa de falar de *sonhos e de amor*, do amor adolescente que imagina que o outro é tudo... O tom inocente, mas firme, de quem diz o que sente e pronto! Não se preocupa com julgamentos.

Somos seres afetivos e racionais, não quero falar do quanto temos perdido destas duas características, não vale a pena, todos sabemos. Quero falar do que nos traz esperanças. É sobre isso que quero falar, *sonhos*. Os sonhos nos impulsionam. Primeiro sonhamos, depois planejamos, calculamos, investimos, caminhamos em direção a eles. Às vezes, são tão intangíveis quanto a sua realização que independem de ações objetivas, é necessário apenas: sonhar e crer.

Há jovens cuja apatia tirou o brilho de viver. A ausência de sonhos os abateu e paralisou. E, há velhos que continuam viçosos e florescentes, declarando no brilho de seus olhos que sonham, crêem, esperam e realizam. Não se deixaram abater pelas adversidades.

Admiro um homem que viveu há muito tempo atrás, chamado Calebe. Quarenta e cinco anos após ter ouvido uma promessa, chegou em fim o dia de recebê-la. Aos oitenta e cinco anos, afirmava ainda ter o vigor dos quarenta. Organizou-se, lutou e ocupou a terra a ele destinada. Será que conseguiria se durante todo esse tempo não sonhasse, não imaginasse a beleza daquele acontecimento? Penso, que se tivesse desistido do sonho, aquele dia o encontraria fraco, abatido, tristonho, indisposto, ou, nem o encontraria...

Sem sonhos não se vive, vegeta-se. Sem razão não se aprende, não há crescimento. Sem amor nada pulsa, vibra ou faz sentido.

Se você já não se lembra onde estão os seus sonhos, *abra o baú*, procure-os! Continuem lá, recupere-os! Sonhe outros! Mesmo que na caminhada em busca deles, lágrimas sejam derramadas, acredite: “quem sai chorando e plantando a semente, com alegria um dia vai ceifar”. Vale a pena.

Que a benção Daquele que se alegra em realizar sonhos seja sobre a sua Vida !

AO CHEIRO DAS ÁGUAS

“Porque há esperança para a árvore, que, se for cortada, ainda torne a brotar, e que não cessem os seus renovos”.

Ainda que envelheça a sua raiz na terra, e morra o seu tronco no pó,
Contudo ao cheiro das águas brotará, e lançará ramos como uma planta nova “. Jó 14: 7-9

Impressionante como o homem que crê em Deus, mesmo nos momentos mais críticos, quando surgem: perplexidade, atordoamento, dor, raiva, abatimento e, sei lá, mais quantos e que tipos de sentimentos dolorosos, ainda mantém em seu íntimo uma porção de fé que o faz crer que, de alguma maneira, Deus vai se manifestar em misericórdia.

As palavras de Jó, neste capítulo, falam da brevidade da vida. Está repensando seus dias, considerando como tudo passou tão rápido, quem sabe lamentando momentos que poderia ter vivido mais intensamente. Com certeza, abatido por tudo parecer estar terminando... Há uma enorme sensação de abandono, e rejeição. Ele até via possibilidade de salvação para outros seres mas, não para si. É como se a ira de Deus tivesse recaído integralmente sobre ele. O que queria era que Deus o esquecesse até que Sua ira passasse e se lembrasse dele apenas quando resolvesse determinar a ele um novo tempo de vida.

Uma pessoa compartilhou comigo que numa determinada ocasião alguém falava sobre “o cheiro das águas” e foi criticado por um dos ouvintes sob argumento de que a água conceitualmente é inodora. As vezes, mesmo pessoas instruídas e cultas deixam de reconhecer a beleza das coisas simples por falta de sensibilidade. Considerando o aspecto científico, a *Grande Enciclopédia Delta Larousse* Vol. 1 pág. 144 a 147, apresenta conceitos da água sob a ótica da biologia, química e geografia, esta última é suficiente para o ilustrar o que pretendemos:

“**Geografia** - Um dos mais importantes recursos naturais utilizados pelo homem. Embora o volume disponível na terra se mantenha sempre o mesmo, a água está em contínua mudança de estado. O mais importante dessas mudanças é o perpétuo processo de destilação com que a água é evaporada na superfície do globo, especialmente nos oceanos, se incorpora à atmosfera, formando uma

massa de ar úmida, que depois cobrem os continentes. As precipitações que então tem lugar sob variadas formas (chuvas, orvalho, neve, geadas, etc.) constituem a fonte de água doce de importância capital para a sobrevivência e progresso da humanidade. Interessante que 1/3 da água que cai retorna a atmosfera, 1/3 escoar sobre a superfície formando rios, lagos e mares, 1/3 infiltra-se no subsolo formando reservas de águas subterrâneas. **A capacidade que tem a água de dissolver outras substâncias impede que esta seja encontrada na natureza em estado de pureza. Mesmo as águas das chuvas dissolvem certas quantidades de substâncias encontradas na atmosfera na forma de partículas em suspensão ou gases. Somente a água destilada é absolutamente neutra, incolor, inodora, insípida e límpida e esta é empregada em análise química, no uso farmacológico para produção de medicamentos.** De acordo com o tipo de substâncias dissolvidas na águas, estas se dizem : doces, salgadas, alcalinas, ácidas, calcárias ferruginosas, magnesianas, etc. Quando essas substâncias emprestam as águas propriedades curativas ou medicamentosas, passam a constituir o que chamamos águas minerais.”

Ok, as águas ao saírem dos mananciais misturam: cor e odor das substâncias que vão sendo transportadas no seu percurso. No caso do texto sobre o qual estamos falando, a narrativa poética não se contrapõem a descrição científica. O fato é que, a amplitude do que está sendo dito aqui é muito maior do que a preocupação com aspectos científicos ou literários. O que leio nas linhas e entrelinhas da narrativa é algo assim: “Deus, a vida é tão breve, tão cheia de inquietações. Tudo passa tão rápido como a flor que nasce e logo murcha. Nós somos homens falhos e frágeis não temos chance entrando em juízo contigo. O homem morre e fica prostrado, expira e onde está ? Quisera eu poder me ocultar até Te esqueceste de mim, até que passasse a tua ira. Então, o Senhor teria saudades de mim e perdoaria todos os meus pecados. O que acontece é que Tu prevaleces contra o homem, muda-lhe o semblante e o despedes para o além. A morte para o homem é inexorável. Mas, para a árvore há esperança pois, mesmo cortada ao cheiro das águas ainda se renovará, não cessará de brotar, se envelhecer a raiz e morrer no chão o tronco viverá e produzirá. Deus, se você pode fazer assim com a árvore, por que não comigo ? Tenha misericórdia desse teu servo. Aqui dentro, mesmo em meio a esse caos, eu creio que Você pode. Também deve haver esperança pra mim.” Todos nós sabemos o fim destas coisas, sabemos que houve bom futuro para Jó e não foi frustrada sua esperança.

O que eu acredito e desejo intensamente que você esteja comigo nisso, é que : há esperança pra nós mesmo em meio ao caos. Se entregamos nossas vidas aquele que chamamos Senhor, NADA está fora de controle. AO CHEIRO DAS ÁGUAS, tudo que agora se nos apresenta como morte, ficará no passado. Preste

atenção ! Apenas, ao cheiro das águas (isso impressiona demais!), elas ainda nem chegaram e uma renovação de vida começa a se manifestar, novos ramos começam a brotar, como numa planta nova, numa linda tonalidade de verde. Maravilha ! Respire fundo. Sinta o cheiro das águas chegando, permita que sua alma seja alcançada pelo refrigério que elas trazem, que seu coração comece a se alegrar. A partir de então, a vida vai sendo recriada, redesenhada, já podemos produzir bons frutos hoje, e glorificar a Deus continuamente. Mantenha a esperança ! E quando as águas efetivamente nos alcançarem, a plenitude de vida que está em Jesus se expressará através de nós. Seu perfume será sentido e um brilho intenso, como a luz do sol, não poderá deixar de ser visto. Constataremos, que as coisas velhas ficaram mesmo para trás. Haverá bom futuro, ele já começou, nossa esperança também não será frustrada.

Que Deus o abençoe com uma unção nova e refrescante !

IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS

“.. Façamos o homem à nossa imagem e conforme a nossa semelhança...”

Gên 1:26

Tenho uma profunda convicção de que o amor, a capacidade de amar, é aquilo que mais nos assemelha a Deus. A própria Palavra diz que ele é o que há de eterno, que as muitas águas não o podem afogar e que é mais forte que a morte.

Recentemente, fui mais uma vez surpreendida pela manifestação desse amor de Deus. Depois de uma semana corrida de trabalho, atividades, pressões e preocupações - era a “semana do pagamento” - e quem está a anos sem reajuste salarial, em um contexto inflacionário, sabe bem do que estou falando. É o período onde mais se precisa exercitar a inteligência, a criatividade e acima de tudo, a fé. Enfim, chegamos a sexta-feira. Era noite e já havíamos jantado. As crianças estavam brincando do lado de fora e, depois do banho, eu estava descansando no quarto, ouvindo música. Meu filho entra para tomar seu banho, conversa, me conta coisas de seu dia, me mostra os novos golpes que aprendeu no Karatê e eu fico maravilhada com sua agilidade e beleza infantil. Ele entra e sai, se troca, então antes de descer novamente, para próximo a mim e faz uma pergunta, aparentemente, fora do contexto : “Mãe, você quer vender meu vídeo game pra te ajudar pagar as contas ?” .

É claro, que não compartilho com eles (ele e sua irmã) a intensidade dos problemas do dia-a-dia, mas não escondo que eles existem e que é preciso disposição para encará-los e superá-los. Essa é a mensagem que procuro passar, conversando e estabelecendo prioridades, mas principalmente agindo. Ele vislumbrou uma possibilidade de ajudar.

Certamente, apesar de nenhum de nós falar nada, ele esteve me observando nos dias anteriores e certamente havia percebido alguma preocupação. No olhar dele, aquele era o melhor momento de abordar o assunto. Ele não estava enganado, mas o sentimento naquela hora era menos de preocupação e mais de exaustão. Uma vontade enorme de relaxar. Sem dúvida, a emoção me invadiu, porque o que li nos olhos dele foi : ” Mãe, conta comigo. Sou solidário a você. Eu te amo”. Respondi com algumas palavras tipo :” Não há necessidade, que o vídeo é um brinquedo importante pra ele e que sem dúvida

íamos dar um jeito, além do que tudo estava sob o controle de Alguém que nos amava, não precisava se preocupar”. Acariciei seu rosto, beijei-o e ele desceu para continuar brincando. Pela afinidade que a gente tem, sei que ele leu em meu olhar: “Eu tô feliz de saber que posso contar com seu cuidado e carinho. Isso é mais importante do que tudo. Eu também te amo”.

Defino isso em uma única palavra, AMOR. Coisas assim, já aconteceram e acontecerão outras vezes, tanto em relação a ele quanto a sua irmã. Eles são presentes de Deus para minha vida, costumo dizer isso a eles. Em momentos como este, fica escancarado o amor de Deus por nós. A relação de pais e filhos, quando regida pelo amor é a que mais se assemelha a relação pessoal de Deus com o homem. É uma troca de afeto e respeito, onde muitas vezes não há sequer necessidade de palavras para se comunicar o que se sente e pensa. Acho isso ótimo. Pessoalmente não sou de muitas palavras, não aprecio justificar meus atos, acredito que quem conhece e ama alguém não exige isso, não há necessidade. Na minha relação com Deus, isso me encanta. Ele sabe que não esconde nada, quando falo é porque quero ou até preciso falar. Quando calo ele sabe o que o meu silêncio diz.

Quanto maior a comunhão e convivência com aqueles a quem amamos, mais essa característica se evidencia na cumplicidade, companheirismo e confiança. Não estou pregando ausência de palavras, longe disso. Diálogo é básico em qualquer nível de relacionamento. Apenas, acredito que, quanto mais forte for esse relacionamento, muitas e desnecessárias palavras, podem ser substituídas por poucas e mais significativas, porque se fazem acompanhar de ações.

Deus diz de si mesmo que É Amor. Onde há este sentimento Ele está presente. Então, quando olho meus filhos, sei que Deus está ali. O mesmo acontece quando estou entre meus pais e irmãos, ou entre amigos, ou quando tenho oportunidade de compartilhar afeto com alguém em especial. Concordo com o salmista quando diz que filhos são “como flechas na mão do guerreiro”, no caso, na mão desta guerreira. Os filhos nos são dados para irem além, como a flecha vai além do guerreiro. É preciso apenas, que nosso amor seja capaz de estimulá-los na caminhada da vida, seja libertador no sentido de fazer aflorar e desenvolver suas habilidades. É assim que Deus faz conosco, espera que continuemos *nos tornando*, nos aperfeiçoando, crescendo em sabedoria e graça, amando a Ele, a nós mesmos e ao próximo. Em provérbios 23:15 lemos : “Filho meu, se teu coração for sábio alegrar-se-á também meu”. Nosso progresso enquanto filhos, alegra o coração do Pai. Da mesma forma que o progresso de nossos filhos, alegra o nosso.

Finalizando, eu tenho uma palavra para quem ao ler sobre o que compartilho de alguma forma entristeceu-se por não ter pais, filhos, irmãos, ou até por acreditar-se sem amigos. Ou ainda, aquele que tendo-os, não obtém prazer nas suas relações. AME ! Ame primeiro ! Você pode. Afinal, foi feito imagem e semelhança de Deus. Inspire-se em Jesus ! Corra o risco implícito nesta decisão. Decida-se a amar. É possível, e mesmo provável, que algumas vezes não seja correspondido, mas com certeza, aqueles que forem conquistados pelo seu amor te darão toda alegria e prazer que você deseja. Falando nisso, lembre-se de valorizar quem se deixou conquistar pelo seu amor, valorizar quem te ama. Mas, isso fica para outra história...

Que Deus abençoe sua vida !

JONAS E AS MURALHAS DE JERICÓ

- INVESTINDO EM DEFESAS -

“Ora, Jericó se conservava rigorosamente fechada por causa dos filhos de Israel; ninguém saía nem entrava”.(Josué 6:1)

Há algum tempo atrás ouvi uma brilhante ministração a respeito do livro de Jonas numa perspectiva nova, abrangente e profunda. O tema e os novos aprendizados ficaram efervecendo em minha mente desencadeando outros pensamentos e aprendizados. Em dias subsequentes estive também muito envolvida com a leitura do livro de Josué, detendo-me especificamente no episódio da queda das muralhas de Jericó. A cada leitura algo era acrescentado e estava bastante interessada nos ensinamentos desse episódio.

Foi numa madrugada, quando me propus a desenvolver um trabalho sobre o livro de Jonas, que surgiu o *insight*: era possível, e para mim de forma muito clara, estabelecer um paralelo entre o que envolvia o profeta Jonas e o que envolvia a cidade de Jericó, mais precisamente: suas Muralhas. A intenção aqui é discorrer um pouco sobre estas reflexões e provocar você, no sentido de estimulá-lo a desenvolver as suas.

Jonas passou por um processo terapêutico conduzido por Deus de forma absolutamente pessoal e diferenciada a começar pela iniciativa do processo que não partiu de um desejo dele, mas do próprio Deus. Ele era amado por Deus, se assim não fosse, Deus não se ocuparia dele. Ele era um profeta e profetas são escolhidos. Jonas, pelo menos até a experiência narrada no Livro que tem seu nome, não tinha noção do “amor apaixonado de Deus”. Emociona-me, sempre, pensar que Aquele que é o único verdadeiramente capaz de esquadrihar mente e coração e que conhece tão bem nossas limitações, angústias, inquietações e gemidos mais contidos; e que, sabe a dimensão exata de tudo, aposta no que Ele vê de melhor em cada indivíduo e investe fortemente nisso para que venhamos a *Ser* o que desejamos e sejamos então, melhores para nós mesmos e para os outros.

Como disse anteriormente quero estabelecer uma relação, que no meu entender é muito forte, entre a Cidade de Jericó e Jonas e o processo terapêutico adotado por Deus em ambos os casos.

Primeiro aspecto, Jonas e Jericó estavam **rigorosamente** fechados. Jonas estava fechado para o diferente. Ele era um profeta numa nação religiosa, tinha uma posição de destaque, era um homem com convicções sócio-políticas bem definidas, e consciente de suas responsabilidades religiosas. Não seria muito imaginar que tinha um discurso bonito, excitante, estimulante. Pregava sobre misericórdia, fraternidade, doação, justiça. O que certamente não dizia é que para ele havia condições para manifestação desses sentimentos e que os preferia sob seu controle. Ele edificou de forma estratégica, competente e eficaz um muro de proteção à sua volta. Como na sua posição não poderia isolar-se completamente, criou uma ante-sala na qual permitia o acesso de quem queria, quando queria, pelo tempo que ele estabelecia e terminado este tempo, então fim, só isso. Estava protegido, nada de envolvimento, nada que o pudesse desestabilizar, nada que invocasse a possibilidade de alguém penetrar seu mundo, - para que correr o risco de compartilhando o que fora construído, quem sabe a duras penas, fragilizar-se? - Seria possível que o envolvimento trouxesse uma experiência frutífera, mas e se trouxesse desordem e dor? Melhor era não arriscar, continuar investindo na proteção.

Com a cidade de Jericó não era diferente, o investimento forte era proteção, porque ser cordial com aquele povo? Era uma gente perigosa, o início da narrativa diz que os inimigos do povo de Deus tinham seu *coração derretido* por saberem dos fatos sobrenaturais que os acompanhava. Apesar do perigo, sentiam-se seguros por causa do muro e não consideraram a possibilidade de um acordo com Josué. É bom frisar que o investimento em segurança é legítimo. Todos investimos na nossa e está relacionado à preservação. O que acontecia tanto com a cidade de Jericó quanto a Jonas era uma preocupação especial em fechar-se para proteger-se. Aquele povo chamado Israel era diferente, isso assustava os moradores de Jericó. Entre ouvir, avaliar e compor escolheram radicalizar sua posição, nada e ninguém entrava ou saía. Quando Deus disse a Jonas: “Gosto do seu discurso libertário, quero que você vá a Nínive e pregue isso a eles”. Jonas *aloprou*, “O que? Para aquele povo... responsável pela nossa desgraça? Não vou mesmo”. Nosso amigo Jonas tinha critérios seletivos para considerar quem era o próximo.

Todo esse processo não estava claro para Jonas, mas, para seu psicoterapeuta, sim. Era necessário que as muralhas fossem derrubadas. A pretexto de segurança elas causavam solidão. Jonas em suas relações nunca estava realmente presente, apenas pontuava aparições, nada mais. Os habitantes de Jericó também se consideravam auto-suficientes. Ambos não abriam espaço para intervenção ou cuidado de outros. Tudo ficava na superficialidade; é mais conveniente. Interagir, eventualmente pode gerar atritos. Aceitar o

envolvimento pode trazer transformações em um, alguns ou todos os níveis, dá trabalho, é preciso negociar, dialogar; nos expõe, nos faz pensar que estaremos fragilizados. Quando Deus ordenou as sete voltas, estou convencida que a cada volta dada, um pilar daquela muralha e sua base eram abalados; não era visível, mas, um trabalho estava sendo feito, como numa sessão de análise, havia uma estratégia. Quando enfim, sete voltas foram dadas no sétimo dia, os pilares já abalados não resistiram e ruíram levando tudo que sustentavam. Uma das coisas que me impressiona é que caíram rente ao chão, tornou-se pó, o povo entrou ali caminhando. Não entre fendas na muralha, não saltando o que restou dela - e não restou nada - apenas indo em direção a cidade. Toda a proteção criada ruiu. Jonas teve de ir pregar, assistiu ao arrependimento, viu o livramento chegar. Ainda irritado e frustrado, ouviu do próprio Deus através da experiência com a figueira, qual o propósito de tudo aquilo. A visão do politizado Jonas era de coletivismo levada a um ponto que tirava a perspectiva da relação significativa de Deus com o indivíduo. Jonas não se sabia amado, mas era. Deus via nele uma beleza interior da qual ele mesmo não se apercebia. Ele era potencialmente habilitado à boa obra, porém resistente.

Quando Deus mandou destruir Jericó fez duas recomendações importantes: destruir tudo, exceto, ouro, prata, vasos de bronze e ferro; preservar Raabe e todos os que estavam com ela. O objetivo do Terapeuta era resgatar o precioso e trazê-lo para junto de si. A cidade de Jericó foi destruída por sua intransigência, arrogância e auto-suficiência, todavia o que lá havia de precioso foi levado ao templo (referência provável ao templo em Jerusalém) e o que havia de **mais precioso**, as vidas de Raabe e os seus, foram preservadas porque ela negou-se se isolar sob a proteção dos muros. Em relação a Jonas todo esse processo o levaria a romper com tudo que a pretexto de protegê-lo, o isolava, o limitava, o impedia de amar e ser amado. O Profeta Jonas sabia que seduzia, encantava e provavelmente até enfurecia seus contemporâneos. Mas, tudo leva a crer que: o que ele realmente desejava era alguém que olhasse em seus olhos, penetrasse sua alma, reconhecesse e estivesse solidário em suas angústias, que não o considerasse O PROFETA, mas o homem Jonas sujeito a tudo que envolve essa humanidade.

“Andar com Deus é estar aberto à surpresa, é andar na contramão do inesperado”. Gosto dessa frase Prof. Dr. Edmar Jacinto. A história de Jonas está repleta da Santa Ironia Divina que só percebem os que têm a visão da soberania de Deus. Cito algumas que estão no livro cujo título é “Jonas”, autoria do Rev. Caio Fábio: “ele é o único que diz “eu sei”, é o louco e estúpido da história mostrando que nem sempre quem sabe muito sobre Deus é quem vive com sensatez; ele usa sua racionalidade para fugir de Deus, enquanto, Deus usa coisas inusitadas para mostrar-se a ele; Jonas diz “eu sabia”, mas na realidade

não sabia nada sobre o amor de Deus; já os ninivitas diziam “quem sabe” afirmando a suspeita cheia de convicção e recebem a graça que suspeitavam existir no coração de Deus.”.

A vocação do ser humano não é a permanência com iguais, mas alcançar o diferente que o recicla para que seja possível ver-se na própria história e na relação com os outros. É preciso admitir a diversidade de reflexão e de percepção da vida ao redor de nós ou seremos apenas o “aquilo” estático e não o “isso” dinâmico. Não experimentaremos o “vir a ser para tornar-se sendo”. Aprendi isso recentemente. É precisamente o que não devemos perder de vista: a possibilidade de aperfeiçoamento através dos encontros.

Finalizando, estas reflexões fizeram-me reconhecer que há momentos em que nossas atitudes não nos distanciam tanto de Jonas ou da cidade de Jericó. Neste ponto, percebo o grande amor manifesto na paciência e misericórdia de Deus para conosco. Estamos apenas “nos tornando”, tem *chão pra fazer* e é preciso disposição pra isso. E, por último não resisto a tentação de afirmar que nem só da sabedoria socrática e platônica vive o homem, mas também da *gostosa* sabedoria popular baiana, expressa num de seus *hits*, que refletiu bem o que eu estava considerando quando passava alguns dias descansando. Ele brinca dizendo: “... talvez tenha que mudar. Talvez, tenha... Talvez tenha que mexer. Talvez, tenha...”.

Que Deus o ajude a não ter medo de mudar quando perceber que é preciso !

REFLEXÕES

" Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a altivez, examinando as escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim." Atos 17:11.

Estive pensando sobre comunhão com Deus e eternidade. Eternidade começa quando a gente se encontra com Jesus, porque eternidade é vida com Deus. Começamos a aprender isso aqui, no nosso cotidiano, lutando nossas lutas, conquistando vitórias, errando e acertando. Discordo dos que relacionam a eternidade à monotonia. Todo o aprendizado que vivenciamos aqui, com certeza, tem um objetivo. Além do que, creio que haverá sempre o novo. Deus, além de eterno é criativo. Impressiona-me especialmente, algumas características de Deus, quais sejam: Deus é absolutamente **Verdade**, incondicionalmente **Amor** e definitivamente **Livre**. Acho isso fascinante!

Penso que desde a queda do homem Deus tem trabalhado no sentido de resgatar em nós essas características que nos assemelham a Ele. É muito importante a gente ter consciência disso, buscar essas coisas. Infelizmente a igreja (de maneira geral) que deveria ser agente de Deus no sentido de viabilizar isso, está fazendo muitas vezes o contrário com relação às três características. Confundindo a Verdade da Palavra em *pregação pessoal*, tratando o Amor apenas na *superficialidade das relações* e *aprisionando na religiosidade* os já cansados e oprimidos. Considerando Igreja, como algo muito maior que denominações, essa não é uma crítica leviana. Conheço várias estruturas eclesiais, sempre me interessei em observar o funcionamento e a condução de vários ministérios. Considero toda essa variedade na manifestação religiosa sob uma ótica positiva. Cada um tem uma área de atuação peculiar. Tenho restrições entretanto, a tendência que vai se tornando efetiva, de massificação. Tenta-se estabelecer a formatação de um modelo, o engessamento do cristão por ritos e dogmas. Desconsidera-se o que há de mais belo nos relacionamentos que Jesus desenvolveu, respeito à individualidade e estímulo as potencialidades.

Tomemos o exemplo dos amigos de Beréia. Estejamos abertos para ouvir, examinemos todas as coisas, sejamos reflexivos para avaliar se as coisas são

como nos chegam. Todos crescem com esta postura. O aprendizado é possível sempre.

Acredito que como indivíduos temos um trabalho para fazer no sentido de, dentro na nossa esfera de atuação, estarmos empenhados em acrescentar bênção à vida das pessoas e *não peso*. É importante sermos pessoas mais leves, mais atentas à voz de Deus. A Palavra diz em João 3:8 que: “O [vento] sopra onde quer, e ouves a sua voz; mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito”. *Precisamos* ser mais leves para sermos envolvidos nesse movimento. A beleza de ser discípulo de Jesus é ser instrumento para libertar cativos, abençoar vidas, iluminar ambiente, apregoar a paz. Vivemos aqui com este objetivo. É assim que a glória Dele é manifesta em nós, de outra forma, tudo fica sem sentido, sem motivação. Talvez, por causa deste peso, tantos em nossos dias sofrem de afasia existencial. Tantos, sendo religiosos, continuam sendo: tristes, apáticos ou terrivelmente intolerantes.

Que o Deus sempre disposto a nos acrescentar sabedoria, o abençoe !

AMOR E PAIXÃO

"Amnon se enamorou de Tamar... a ponto de adoecer...".
II Samuel 13: 1-2

Gosto muito de histórias ou estórias no estilo " *E se...* ". Elas necessariamente falam de livre arbítrio, falam da possibilidade de escolha. Liberdade, é disso que falam. Liberdade é uma dádiva de Deus que usada sabiamente nos acrescenta vida, de outra forma, nos escraviza e faz morrer várias e sucessivas vezes como no mito das sete vidas do gato. No caso humano, às vezes, o número pode exceder bastante o número sete... É possível que você esteja imaginando o que isto tem haver com o título do texto. Espero ser capaz de esclarecer até que o termine.

Falemos de amor e paixão no relacionamento a dois. Recomendo se possível à leitura de todo o capítulo a fim de facilitar o entendimento. Quem já passou pela adolescência, possivelmente, pode ter algo que dizer a respeito de ambos. Quem continua infantilmente fixado em um desvio doentio narcísico só conhece o segundo sentimento. Precisa de cura para evoluir até o amor. Um dos grandes problemas existentes, não apenas na juventude, é confundir amor e paixão. O episódio entre Amnon e Tamar, narrado no capítulo 13 do livro de II Samuel - de forma tão forte e poética - exemplifica o que é paixão. Entretanto, meu gosto por palavras me remete a refletir e propor reflexão sobre elas. Para isso, precisamos homogeneizar um conceito que norteie, viabilize e evidencie que tratamos do mesmo fenômeno. Começemos, então, pela paixão que é um primeiro estágio no aprendizado do amor.

"Paixão é cega, possessiva e muito destrutiva. A paixão é solitária, ela vem antes do outro. É uma devoção completa. Não se pode ficar longe do objeto da paixão. O apaixonado idealiza uma pessoa violentamente e descobre uma pessoa para moldá-la para aquilo que está pronto dentro de si. O amor pode terminar em amizade. A paixão não. O apaixonado passa a odiar, a desprezar o objeto da paixão. É o sentimento às avessas. Paixão nunca tem um final feliz, termina em ódio, rancor, mágoa, vingança e, às vezes, morte. Pode ser vista como uma doença

inevitável, como as dores do crescimento (articulações). A paixão é uma dor psíquica do crescimento. Quando persiste na vida adulta, como as pessoas que se apaixonam com frequência, pode estar relacionada com o medo de amar. A paixão é muito mais fácil. Eu sou eu e acabou. A paixão nunca tem um final feliz.”¹

Parece-me que o episódio ao qual nos referimos se encaixa perfeitamente no conceito que usamos. Quem já viveu uma paixão sabe, com certeza, além do que já foi dito. Para alguns sentimentos, talvez, não hajam palavras. Nenhum termo supera a experiência. A paixão é altamente invasiva. Veja, a paixão pode preceder, mas dificilmente se transforma em amor. Ela se firma sobre o invólucro, a imagem, a atração física incontrolável, sede de sexo, posse do outro. Além de cegar, inibe a audição. O apaixonado não ouve ninguém. Quando se inicia um relacionamento sobre este alicerce, edifica-se sobre a areia. Tudo é muito frágil, por isso, tão fugaz. Uma recente pesquisa divulgada em um dos jornais de grande circulação na cidade mostra que grande parte dos divórcios estão se realizando por volta dos dois anos de casamento. Estudos específicos na abordagem de relacionamentos do ponto de vista psicológico mostram que dois anos é o tempo médio de duração de uma paixão. Considero interessante a relação entre os resultados das duas pesquisas. Significa que casar por paixão efetivamente é um grave risco. Paixão correspondida é um verdadeiro desastre. Quando não correspondida, acaba sendo bom para todos. Com o passar do tempo o não correspondido entende que, de fato foi abençoado com uma libertação. Já vivi as duas situações, então, acredito que sei do que estou falando. Sei as dores do desastre e reconheço a benção da libertação. Os critérios para aproximação entre pessoas na sociedade narcísica e fortemente hedônica que vivemos, são terrivelmente superficiais. É o padrão imposto por tantos mecanismos de manipulação de massas.

Amnon e Tamar refletem bem tanto a confusão inicial de sentimentos quanto esclarece o que realmente aconteceu quando narra o desfecho. Inicialmente ele diz: “Amo Tamar”. O texto não menciona, entretanto, concordo com a opinião de um preletor que ouvi, certa vez, comentar sobre o texto dizendo que Amnon deveria ter dito várias vezes essa frase a Tamar, sempre que a via. Isto, justificaria ela ter ido até onde foi. Acreditou que havia amor. Por outro lado, o texto deixa claro que ele pensava o tempo todo em sexo, em si, no seu desejo. O que se passava com ela, na verdade, não interessava. Caso contrário, ele aceitaria a solução plenamente viável de solicitar e aguardar a

¹ Dr. Rubens Coura em entrevista a Istoé/1595-26/04/2000 por Carla Gullo e Cilene Pereira, trechos p. 7 a 11 J.

benção paterna ao relacionamento. Quem ama espera. Paciência é uma das características do amor. Ainda que se decidissem ali pelo encontro sexual consensual o próximo passo seria falar ao rei e viver livremente seu amor. Quando Tamar tenta chamá-lo a razão dizendo : “Não me forces, porque se faz assim em Israel; não faças tal loucura”, meus pensamentos me remetem a história de Abigail que viveu sob o jugo de outro louco, Nabal. Histórias tristes. O texto diz que depois do ato sexual Amnon sentiu uma aversão por ela maior do que o “amor” que lhe votara. Ele foi tão rude quanto era capaz de ser naquela situação. Ouvimos muitas vezes dizer que estar apaixonado é bom. É mais uma confusão provocada pela existência de vários conceitos. Bom, é o entusiasmo em se conhecer alguém com quem se identificam afinidades e nos sentirmos motivados a conhecê-lo a melhor. Bom, é neste processo não apenas sentirmos as manifestações físicas que o entusiasmo produz, mas percebermos o aflorar das essências e constatarmos que são afins. Bom, é colocar intensidade no que se considera verdadeiro, honesto e desvinculado de negatividade. Nesta perspectiva, concordo que é bom estar apaixonado, vou além dizendo que é imprescindível estar-se apaixonado pela vida. A paixão patológica pode ter momentos bons que, talvez, mereçam ser lembrados na concepção dos nostálgicos, mas sempre produz dor porque tem muito de insegurança, sofrimento e auto-desvalorização.

Falemos agora do que seguramente sempre produz benção. Falemos de amor. Como já comentamos os conceitos são vários para esta palavra. Vejamos uma definição que nos ajude a expressar aquilo que acreditamos:

“Amor é um tipo de sentimento emocional, mas não obsessivo. É o amor que une razão e emoção. Envolve um ato da vontade e requer disciplina, pois reconhece a necessidade de um crescimento pessoal. Nossa necessidade emocional básica não é apaixonar-se, mas ser genuinamente amado (a) pelo outro; é conhecer o amor que cresce com base na razão e na escolha e não no instinto. Preciso ser amado por alguém que escolheu me amar, que vê em mim algo digno de ser amado. Esse tipo de amor requer esforço e disciplina. É a escolha que fazemos de gastar nossa energia em benefício de outra pessoa, sabendo que, se sua vida é enriquecida por nosso esforço, também nos sentimos satisfeitos - a satisfação de termos realmente amado alguém. Não exige a euforia da experiência da paixão. Para falar a

verdade, o amor verdadeiro não começa enquanto a experiência da paixão não tiver seguido seu curso.”².

Sobre as características do amor é impossível não mencionar I Coríntios 13. Destaque-mos os versículos 4 a 7 para os que não têm muita familiaridade com o texto bíblico: “o amor é paciente, é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. Estas são as características mais fortes, mais evidentes e impressionantes - ao menos para mim - do que se chama amor na visão cristã. Lembremos que, neste caso, este sentimento-ação extrapola a relação homem-mulher. É abordado aqui, em toda sua amplitude. Confesso que durante muito tempo vi este texto como algo utópico, impossível de ser aplicado por simples mortais. O que imaginava mais próximo do descrito ali, seria o amor entre pais (saudáveis emocionalmente) e seus filhos. Agora, pensando o amor como algo racional e volitivo, vejo, que é possível aprendê-lo na trajetória da vida e envolvê-lo nos diversos relacionamentos. Esse tão falado amor universal conclamado por sábios pensadores é, de fato, um amor intencional. É fruto de escolha. É um estilo de vida do qual podemos nos permitir impregnar até as entranhas. Tempos atrás me percebi capaz de oferecê-lo de uma forma livre, generosa e incondicional. Absolutamente leve. Fiquei feliz comigo mesma. Senti-me a caminho do que tenho para viver. Entendo que estou descobrindo coisas. O que é estimulante e importante. O mais fascinante do amor é que ainda que sendo abstrato e intangível enquanto sentimento, torna-se cedo ou tarde visível e palpável através de seus frutos. Foi o próprio Jesus que nos orientou sobre a questão das aparências quando nos disse para estar atentos quanto aos falsos profetas. A árvore boa dá bons frutos, a má ... Esperemos os frutos. Deixemos que a árvore se desenvolva. A maneira com que ela se comporta a cada adversidade e/ou beleza trazida por uma nova estação estará permeando este desenvolvimento e indicando o que irá frutificar.

Voltando a questão do amor entre homem e mulher a observação e sobretudo a vivência vão nos ensinando, inclusive sobre nós mesmos . Acredito ser importante destacar que o amor ao outro não faz dele nossa extensão, mas nos oferece amplitude. Eu não morro sem o outro, mas ele me acrescenta razões para viver. Uma característica de quem ama é estar, de verdade, interessado(a) em incentivar o crescimento pessoal de seu objeto de amor. Inveja e competição entre o casal é algo terrível de se ver, apesar de ser bastante comum. Amor é a

² As Cinco Linguagens do Amor, Gary Chapman, trechos p. 35 e 36.

essência da existência. Amor é necessário antes da experiência do apaixonar-se e continuará sendo enquanto houver vida. É elemento básico de nossas necessidades emocionais. O sentir afeto e a sensação de pertencimento e de ser querido, desejado é essencial. Quando menciono sensação de pertencimento, falo do ato de voluntariamente entregar-se ao que já é conhecido em seu fundamento para aventurar-se na construção do novo. Posse e aventuras cegas que podem levar a destruição, nada têm haver com amor.

Sempre que medito neste tema sinto-me impulsionada a comunicar-me com os jovens. Meu coração arde numa intenção claramente maternal de me fazer entender. Se há secularmente uma imposição, já nem tão sutil, de viver o sexo irresponsável e um estímulo às paixões, no meio religioso existe uma pressão de igual intensidade de estimular, até de forma atabalhoada, casamentos entre os jovens visando “protegê-los”. As duas situações são perniciosas. O que Deus deseja é que nos utilizemos de nossas faculdades mentais. Sejam inteligentes, sábios e cognitivos e não apenas sensitivos, volitivos, emotivos e afetivos. Podemos decidir equilibradamente o que deve ser decidido assim. Somos capazes. Lembra-se do início deste texto ? Do livre arbítrio ? Liberdade com responsabilidade ? Possibilidade de escolha ? Nossas decisões tem conseqüências. A tentativa de invasão pela paixão pode ser frustrada, também é uma opção. Não abra mão de nenhuma das prerrogativas existenciais que a graça de Deus lhe concede. Utilize-as sobre as circunstâncias. Auto-valorização é essencial na hora de identificar os rumos para os quais a relação está apontando. Respire fundo, conte até mil, tome um maravilhoso sorvete, converse com seu amigo mais divertido e ria muito antes de eventualmente decidir se levar apenas pelas emoções. Já fui apenas filha, hoje, tenho o privilégio de ser filha e mãe. Entendo bem coisas que quando foram ditas eu desconsidereei. Ouça seus pais. A relação familiar não foi criada despropositadamente. Se você tem problemas nesta relação, procure pessoas vividas, idôneas e sensíveis que possam ouvi-lo (a).

Por mais que seja *chato* ler o que vou dizer, considere-o. Não tenha pressa ! Aprenda a cada estação. Amor é idéia de Deus para nossas vidas. O que há de vir, virá.

Deus o abençoe e o ajude a plantar boas sementes !

MEDO

“No amor não há medo antes o perfeito amor lança fora o medo.”

I Jo 4:18

Numa daquelas manhãs ensolaradas e incrivelmente belas, sozinha em casa, penso em sair e aproveitar o sol. Mas, o desejo era mesmo ficar ali, no meu quarto, folheando a bíblia e conversando com Deus. Logo, já podia sentir sua presença: forte, doce, suave, envolvente. Me deparo (e paro) com Gênesis 35: 16-20. Imaginei aquela cena como numa tela. Imaginei a dor daquele homem diante da situação tão paradoxal quanto chocante. Trata-se do *Nascimento de Benjamim e a Morte de Raquel*. Acompanha comigo! Uma mulher, um parto difícil, dor. O único conforto, saber que o filho viveria. Antes de morrer lhe dá o nome de Benoni, filho das minhas dores. Um homem sofrendo por ver a mulher que ama sofrer, sofrendo por sentir-se impotente para ajudá-la, sofrendo por vê-la morrer. Ao mesmo tempo, recebe um filho, parte dela, extensão de ambos, materialização do amor que viveram. Apesar da dor, sabia que estava sendo abençoado, confortado. Ele toma a criança nas mãos e diz : "Você não se chamará assim, seu nome é Benjamim, filho da minha mão direita". Aquela criança agora, significava o que Jacó tinha em vigor, força, disposição. Se torna mais, quando o mesmo Jacó pensa ter perdido José. Benjamim é sua única motivação de vida. É bonito e triste. A partir dali, nunca mais Jacó viveu plenamente; tinha medo. Medo de perder novamente. Em Gênesis 44: 18-34 isso se evidencia de forma dramática. A vida dele não tinha acabado, mas pare ele, parecia que sim. Medo. Ele atemoriza, fere, limita, paralisa. O MEDO PARALIZA.

Era isso o que o Espírito me trazia. Hoje tantos estão assim, impedidos de viver a plenitude que Deus lhes quer dar, por causa do medo. Medo de novamente amar e não ser amado, medo de falhar quando lhe é cobrado acertar, medo de ser novamente traído por quem considera ser seu amigo, medo de fracassar se novamente empreender, medo de enfrentar novamente uma enfermidade. MEDO. Não podemos impedi-lo de se manifestar, ele é parte da grande aventura de viver, mas precisa ser vencido. E então, como vencê-lo? Encontro resposta na pessoa de JESUS.

Em Jesus o medo é superado, completamente vencido. A vida Dele entre nós nos mostrou isso. Ele estava continuamente em comunhão com Deus, Pai e Criador. Era Nele, que não nos abandona nem desampara, que estava *depositada sua confiança*. Por isso conviveu três anos com Judas, sabendo que o trairia sem se abalar, sem negar a ele seu amor. Por isso, enfrentou a solidão do Getsêmani sem desistir da cruz, sem desistir de nós. Por isso, esteve tantas vezes em perigo e encontrou salvação. Por isso, acreditava que nos momentos mais críticos Deus se manifestaria protegendo, confortando, suprimo, alegrando. Não podemos esquecer que Jesus veio em carne. Não há dor ou alegria pela qual passamos que ele não tenha sentido direta ou indiretamente. Jesus é empático. Não temos um Redentor que não nos compreenda. Todo este sofrimento não teve outro objetivo a não ser manifestar o Amor de Deus por nós.

Vencemos o medo (inclusive de amar) quando nos abrimos para receber este amor. Em João 4: 18 e 19 lemos: “ No amor não existe medo; antes o perfeito amor lança fora todo o medo. Ora o medo produz tormento; logo aquele que teme não é aperfeiçoado no amor. Nós amamos porque ele nos amou primeiro.” É assim que vencemos o medo, deixando que se manifeste em nós o dom que Ele nos deu, sermos capazes de amar. “Se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu amor é em nós aperfeiçoado”. I João 4:12. Recebemos em nós o Espírito de poder, amor e moderação. O amor renova conforta, refresca, fortalece e aperfeiçoa.

Vencemos o medo quando *depositamos nossa confiança* em Deus. Quando cremos que Ele nos ama e deseja nossa felicidade. Quando cremos que Ele se empenha em nos ajudar a caminhar em direção a ela. Crer, confiar, agir, esperar. Tudo, Nele. A Palavra de Deus diz que o Espírito nos ensinaria todas as coisas. As estratégias, as palavras, vem do Senhor, quando vivemos esta intimidade com Ele. Não precisamos deixar de viver a plenitude que Ele tem pra nós. Ele nos dará habilitação para enfrentar todo o passado e saber que acabou. Deus tem coisa nova pra fazer. *Viver plenamente não é viver sem dor. Viver plenamente é viver o amor.*

Depois de refletir sobre todas estas coisas, o que mais dizer ? Feliz é o homem que deposita Nele sua confiança. Considero um momento como este especial. É poder estar completamente envolvido e entregue a Ele, quando esse Deus, manifesta sua alegria e prazer em se envolver conosco.

Que Deus nos aperfeiçoe na arte de amar, nos libertando do medo !

RESSURREIÇÃO E VIDA

“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos...” I Pe 1:3

Já perdi a conta das vezes que experimentei morte e ressurreição. Até algum tempo atrás, entendia a ressurreição de Jesus apenas, literalmente. Não havia me apercebido que há um sentido ainda mais amplo. Foi necessário enfrentar, na minha vida, a morte e ressurreição para compreendê-lo. Você pode até perguntar : “o que pode ser maior, mais amplo do que a vida eterna que a ressurreição de Jesus nos garante ?” Eu respondo dizendo que o maravilhoso é não precisarmos esperar a morte do nosso corpo físico para experimentá-la. Cada um de nós, que estamos fazendo chão pela vida e tivemos a experiência inigualável do encontro com Jesus Cristo, ou, já passamos pela experiência da ressurreição ou ainda passaremos. Há momentos em que tudo a nossa volta diz : “Acabou. Agora você não se levanta mais, não precisa nem tentar, você está exausto, sem chance...” Isto pode ser verdade, mas é então, que a história muda...

Particularmente vivi um momento assim, foi o primeiro - em menor intensidade tenho vivenciado outros - eu pensei : “Não vai dar, não tenho forças, acabou...” Quantas vezes temos esta sensação ? Senão de morte completa, de morte em áreas da nossa vida. No meu caso, naquele momento, o Senhor se apresentou através do salmo 118:17 “Não morrerei, mas viverei, e contarei as obras do Senhor”, foi uma palavra específica. Já me sentia morta. Aquela palavra foi recebida de uma maneira tão clara que o fôlego de vida de Deus me encheu os pulmões pela convicção de não estar só e poder contar com a ajuda de alguém que já havia dito “... nunca, jamais te abandonarei (Hebreus 3:5)”.

É o *Espírito de Ressurreição e Vida* que habita em nós que nos capacita a viver isso a cada dia, a cada nova manhã. Quando estava em família, comemorando a Páscoa e percebendo o privilégio que estava tendo de viver aquele momento, pensei nisto. As vezes, o tempo é de tanta escuridão que *quase* nos esquecemos da nossa fonte de energia. Tendemos a nos render ao *Apagão*. Nos meus momentos de perplexidade diante da dor algumas palavras ficavam

ecoando em meus ouvidos, contrastando com o que eu estava vivendo : “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância (João 10:10)”. O objetivo da estada da Jesus entre nós bem poderia ser sintetizado assim. Foi para nos presentear com vida que Ele veio. Foi para mostrar que é possível vivê-la de maneira prazerosa, ainda que haja dor. Que a paz é possível mesmo em meio adversidade. Que toda complexidade paradoxal que envolve a existencialidade humana - fragilidade e força, dor e prazer, luto e celebração - atua sempre objetivando remeter esse *humano* a dimensões superiores. Somos seres em estruturação, temos um caminho a percorrer, um aprendizado a adquirir e um alvo a alcançar : viver como Jesus, o Homem/Deus, nos ensina.

Nossa geração assistiu e assiste a demolição dos grandes símbolos de estabilidade e acomodação. E, é assim que a vida é : repleta de surpresas. A única estabilidade possível é subjetiva, a encontramos no nosso espírito. Podemos escolher entre viver temerosos ou confiantes. Depende da fonte de energia que escolhermos. Aprendemos com o apóstolo Paulo que estar fraco é diferente de ser fraco. Conhecemos sua história e seus momentos paradoxais. O fato é que sua fé estava firmada no Deus que age para que “todas as coisas contribuam para o nosso bem” (Rom 8:28). O que Ele nos deu foi o “espírito de poder, amor e moderação”. Não se esqueça ! O que foi derramado sobre nós chama-se : Espírito de Vida.

Que você busque a Fonte interminável de energia e afaste o perigo do apagão de sua vida !

UMA MULHER CHAMADA RUTE

*“O Senhor recompense o que fizeste, e te seja concedido pleno galardão da parte do Senhor
Deus de Israel, sob cujas asas te vieste abrigar.”*

Rute 2:12

Quando experimentei a ressurreição, ou saída do cativeiro, ou o resgate do naufrágio, ou a renovação do mito da fênix, como queiram chamar, passei por um maravilhoso, pessoal e interessante processo terapêutico, aplicado pelo Terapeuta chamado Jesus. O início desse processo teve por objetivo a recuperação da auto-estima. É aí que entra essa amiga chamada Rute que viveu há tanto tempo. Naquele ano, eu tinha como um dos objetivos, a releitura da Bíblia. Quando cheguei ao livro de Rute, fiquei absolutamente encantada com sua história. Li e reli várias vezes e me emocionava em todas elas.

Rute não é um livro sobre o qual os pregadores costumam falar. Em todo tempo que tenho de conhecimento das Escrituras (e é bastante), no máximo tinha ouvido falar sobre o versículo onde ela se nega a abandonar Noemi, sua sogra. Este versículo é utilizado em convites e em cerimônias de casamento, a meu ver fora de contexto. Ainda não tinha ouvido ninguém dizer o que era realmente justo sobre aquela mulher. Só recentemente, conheci alguém que se deteve em fazer uma leitura mais atenta desse texto tão rico, acrescentando algo ao que meu espírito percebia. A mensagem que ouvi, expressava sem dúvida, uma visão clara apresentada de uma maneira forte. A abordagem sócio-histórico-cultural da época, situa o ouvinte no contexto em que a narrativa se passa. A abordagem sobre a psicodinâmica das personagens nos sensibiliza e evidencia o caráter de Rute. Penso que ela tinha algumas opções após toda aquela fatalidade : chorar e acomodar-se lamentando sua “má sorte”; voltar a sua terra e submeter-se a qualquer casamento que lhe assegurasse a sobrevivência; optar pela prostituição, que sem julgamento de mérito, seria compreensível; ou, levantar-se e lutar, assumir a responsabilidade pelo seu sustento e também de sua amiga (e família), Noemi. Emociona-me que ela tenha escolhido a última.

Quanto à mensagem mencionada, faço apenas uma ressalva : tive a sensação de que faltou o desfecho. Neste sentido, quero dar minha contribuição que é absolutamente feminina e assumidamente romântica. Não se pode falar na

história da mulher chamada Rute sem mencionar e, até ressaltar, uma parte importante dela : o homem chamado BOAZ. Ele permeia toda a segunda fase da história. Era um homem que *tinha olhos para ver*. É fácil perceber a simbiose que se estabeleceu entre eles desde o primeiro olhar. Ele investiu do seu tempo para saber tudo sobre aquela mulher. Quis conhecê-la e emocionou-se com ela. Rute valorizou esse reconhecimento, esse olhar certamente diferenciado. Todo o contexto do livro mostra a integridade de Boaz, testificada por sua conduta. Ele *era parte do galardão do Senhor para a vida dela* e a recíproca era verdadeira. O casal gerou Obede, pai de Jessé, pai de Davi. O livro de Mateus inicia dizendo : “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão...” O casal teve o privilégio de compor a genealogia de Jesus. Como diria um certo baiano : “Isso é Lindo !!!...”

Voltando ao processo terapêutico de resgate da auto-estima, o que acontecia é que quanto mais eu lia Rute, mais se estabelecia uma relação de admiração por aquela mulher de um caráter tão íntegro, de uma força que não faz alarde, de uma firmeza sem arrogância, de uma suavidade que contagia. Estava encantada com características que prezo muito : a lealdade e a abertura para o amor no seu sentido mais amplo. Numa dessas leituras, então percebi algo simples. Eu podia me ver na pessoa de Rute, me identificava com ela. Aquelas eram características minhas. A admiração, tinha algo de narcísico. Espero que isso não seja tomado como “Marketing Pessoal” e nem chegue a ser acusada de propaganda enganosa... mas, se for, paciência !

Em Eclesiastes, Salomão diz : “Há tempo em que um homem tem domínio sobre outro homem para destruí-lo.” Concordo plenamente, considerando que só é destruído, quem se deixa destruir. Não entendo relações sob a perspectiva da culpa e de culpados. Apenas, eu me deixara fragilizar pela frustração a ponto de estabelecer-se um grave processo de desautenticação. Existia uma afasia existencial que inibia a visão das cores e o acréscimo de um peso, no fato de continuar “vivendo”. Meu encontro pessoal com a pessoa de Jesus alterou o curso da história. Então, os primeiros passos a partir daí (que é o que entendo como ressurreição) foram o resgate da valorização da vida; a percepção da semelhança com Deus que trazemos em nós; a possibilidade de aperfeiçoamento constante pelo qual o homem pode passar, se assim o desejar; e principalmente, o direito de a qualquer tempo, mudar de rumo, reescrever sua própria história e ser feliz.

Rute escolheu abrigar-se sob as asas do Senhor Deus de Israel. Escolheu a comunhão com Ele. Escolheu aprender com Ele. Em decorrência disso, suas semelhanças com esse Deus foram gradativamente se evidenciando. Esse é o

caminho natural de quem vive esse encontro. Caminha-se em direção ao Arquétipo de Nazaré e aproxima-se conseqüentemente do que havia no coração de Deus quando criou o homem e a mulher. Essa possibilidade está ao alcance de todos, não há acepção de pessoas.

Toda esta exposição tem um único objetivo : incentivar você, que veio comigo até aqui, a descobrir-se. Invista tempo em você, torne isso um processo continuado. Nem todas as descobertas serão agradáveis, não desejo iludir ninguém. O processo tem seus momentos dolorosos, mas são altamente compensados pelos resultados. Abrigue-se sob as asas do tão misericordioso Criador. Busque intimidade com Ele e prepare-se para aproveitar as surpresas que, como ninguém, Ele sabe proporcionar.

Que, de uma maneira especialmente terna, Deus abençoe sua vida !

O SABER CONSEQUENTE

“ Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos;... “ Isaías [61:1]

Freqüentemente utilizam-se termos como : verticalização e horizontalização das relações. Neste contexto, como relacionamento vertical compreende-se: Eu e Deus. Relação horizontal : Eu e o Outro. Mas há ainda uma outra possibilidade de relação: Eu comigo mesmo. Sempre que alguém experimenta a relação vertical, adquire conhecimento e sabedoria numa dimensão maior. É então, estabelecido um acréscimo de saber que necessariamente deve fazer diferença nos outros níveis de relacionamento. É sobre a *consequência* deste saber que proponho uma reflexão.

Os ritos e dogmas, a manipulação da fé, a imposição clara ou sutil de uma religiosidade claustrofóbica, tem sido historicamente um dos grandes obstáculos ao estabelecimento de relacionamentos saudáveis. Estes, são fruto do amor que sempre liberta-(da)-dor. Sempre gera amplitude em mim e no outro. Sempre respeita a individualidade. A religiosidade : bloqueia o acesso do homem diretamente ao seu Criador. Ela divide, separa, exclui. Restringe ou impede encontros. O saber religioso historicamente é um saber absolutizador. O saber na relação com o Criador transcende, fortalece, integra. É um saber dialogal, aberto e exatamente por isso, enriquecedor.

Tenho escrito sobre minhas vivências a partir do meu encontro pessoal com Jesus e descrito como gradativamente o relacionamento com Ele vem se tornando íntimo, porque atua no meu interior e está estreitamente ligado a afeição e confiança. Tenho falado dessa relação vertical e do aprendizado que me tem proporcionado. Tenho escrito também sobre a questão do auto-conhecimento, que está relacionado com a percepção de mim mesma, ao acréscimo de conhecimento provocado pelo que gosto de chamar de “ânsia de conhecer”; e, a ampliação na minha visão pessoal de Mundo e tudo que a envolve. Recentemente, fui abordada por alguém com uma excelente percepção que me propôs investir em falar sobre de que forma este aprendizado tem sido conseqüente, principalmente na relação com o outro. Achei interessante a

sugestão, até porque, penso que se não houver mudança não houve na verdade, encontro. Há uma frase que diz o seguinte : “Ninguém se transforma sozinho, ninguém transforma ninguém, nós nos transformamos no encontro”, Prof. Dr. Edmar Jacinto. Aqueles com os quais vamos nos encontrando vida afora, que passam e que ficam, sempre contribuem com algo. Ainda que, eventualmente alguns tragam sentimentos desagradáveis, o encontro sempre agrega porque se traduz em experiência. Seria bom se fosse diferente, mas o fato é que crises, desafios, dor e sofrimento são *grandes agentes de grandes aprendizados*. Não são os únicos, graças ao Bom Deus, mas têm sempre uma significância muito forte. A amplitude gerada na visão que tenho hoje sobre quem é o outro (o próximo), foi forjada através dos encontros que tenho tido nos outros dois níveis que mencionei.

Quando nos detemos no estudo da vida de Jesus percebemos que cada encontro agregava algo nos que participavam dele e produziam mudanças em seus relacionamentos a partir de então. Vemos isso na vida de Zaqueu, de Tiago e João, de Pedro e tantos outros. O que pode passar despercebido num olhar menos atento é que Jesus também teve agregação de conhecimento e conseqüente experiência, com cada um deles. Considero isso absolutamente fascinante, sua abertura e sua humildade. O convívio com o homem, o envolvimento com o homem, fez de Jesus “o especialista da Trindade” sobre este ser criado a imagem e semelhante de Deus. Somos semelhantes a Ele, entretanto diferentes. Somos aperfeiçoáveis e não perfeitos. Não quero dizer que havia imperfeição em Jesus, mas que na sua forma humana experimentou momentos desse paradoxo fragilidade x força, que acompanha nossa existência. É exatamente isso que o torna especial, seu despojamento em querer assumir esta forma de vida. O estar próximo a nós. O momento do Getsêmani é um exemplo belíssimo dessa experiência. Através dele, entende-se que não há nenhuma dor que venhamos a sentir que Jesus já não tivesse sentido e superado. Por isso, é capaz sem nenhuma sombra de dúvida, de entendê-la. Vou me repetir nesta citação porque considero isso importante. No livro de Hebreus cap. 2, versículo 17 está dito:

“Pelo que convinha que em tudo fosse feito semelhante a seus irmãos, para se tornar um sumo sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer propiciação pelos pecados do povo. Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados.”.

Também aprendemos que o Mestre é *Deus de Festa*, que iniciou seu ministério numa Celebração. Que se alegra, que sorri, que brinca e sente prazer. Isso me

estimula e me dá *bom ânimo*, quando aquilo que me envolve em determinados momentos diz um sonoro : “Não!!!”. E, também quando a alegria me invade e sei que Ele celebra comigo.

Nossa vivência, nossas experiências, nossa disposição para o aprendizado, o conhecimento, a cultura, a ternura precisam fazer diferença nos nossos relacionamentos. Se tudo isso se tranca, se isola e ensoberbece, miserável homem se é. Tudo deixa de ter valor. Em nada contribui para o objetivo da Criação. Amar o próximo como a si mesmo pressupõe envolvimento para provocar crescimento, em ambos. Isso tem um alcance social fantástico ! É motivo para se ter esperança mesmo em meio ao “capitalismo canibalesco” sob o qual a sociedade globalizada vive. Existem pessoas que *correm por fora* desse sistema. Pessoas que acreditam que compartilhando seu saber, levando informação, contribuindo com educação, se desnudando de egoísmo e colocando ternura em tudo, é possível provocar mudanças em todo o *sistema*, em todas as relações. Ainda que o processo seja considerado lento, não se chega a lugar algum sem que haja partida. É importante levar em conta que o único tempo com o qual se pode contar, chama-se Hoje. Então, coloque o que tem aprendido a disposição de todos. Alguns receberão e haverá um linda troca e celebração. Outros serão resistentes, mas ao menos, tente ! Outros se recusarão. Faça uma prece por eles e os deixe saber que se mudarem de idéia e tiverem sorte, talvez ainda te encontrem... Em qualquer hipótese, bem-aventurado será você por continuar caminhando e exalando o Bom Perfume de Cristo. Bem-aventurado, por estar contribuindo para libertação de cativos, anunciando a boa nova chamada Libertação que é consequência de um Amor Incondicional e por continuar aprendendo a cada novo encontro.

Que a Paz, que excede todo entendimento seja sobre sua vida !

A RELAÇÃO DE PRAZER NA TRINDADE

“... então eu estava ao seu lado como arquiteto; e era cada dia as suas delícias,
alegrando-me perante ele em todo o tempo;
folgando no seu mundo habitável, e achando as minhas delícias com os filhos dos homens.”
Prov 8 : 30-31

É fantástica simbiose que se estabelece na relação da Trindade. Toca-me profundamente e, em determinado momento ao refletir sobre este capítulo de provérbios senti-me extasiada com os versículos acima pela força e pela representatividade que tem para mim a palavra *delícia*. Delícia, Prazer. Prazer, Delícia. Então, ocorreu-me o sentido de prazer na relação da Trindade. E mais, o prazer na relação entre ela e os homens. Como isso é forte e lindo ! É o que está expresso neste texto. O prazer de estar com..., experimentar com..., aprender com..., planejar com..., brincar com... e ser cúmplice de...

Tanto este capítulo quanto os capítulos anteriores falam da Sabedoria. Apresentam Jesus como a própria Sabedoria. As palavras nos estimulam a buscá-la, a desejá-la com intensidade. A valorizá-la como o bem mais precioso. Mais do que ouro, prata e tudo que representa riqueza. Ela representa segurança no caminhar, longevidade da alma, entendimento, alento, consolo, exortação, edificação.

Quando falo de simbiose, falo da associação e entendimento íntimo entre pessoas. No que se refere a Trindade isso está plenamente estabelecido. Esse fato permeia toda a Escritura. Penso que é nesta direção que a nossa relação com a Trindade deva caminhar. Estamos (ou pelo menos, deveríamos nos preocupar em estar) em processo de aperfeiçoamento. Agora, nossa relação com esse Deus Trino está volta e meia sujeita a instabilidade. Pelo menos, é a minha experiência. As vezes, é prazerosa e adulta. Outras vezes, me pego agindo como uma menina : reivindicando coisas ou atenção. Em outras, uma adolescente indignada e questionadora. O que existe de constante mesmo é o afeto, o prazer da comunhão. Nestas horas de instabilidade, lembro-me de Pedro em seu processo de crescimento. Lembro-me de Jó : “Falei bobagem, não sei nada... falei do que não entendia...”. É parte do processo.

Acredito que na medida em que caminhamos em direção ao alvo, já que somos aperfeiçoáveis e não perfeitos, vamos nos desapegando do que não merece apego, nos desvencilhando de entulhos produzidos na caminhada e entrando em dimensões diferentes do nosso relacionamento com o Sagrado. A intimidade vai sendo acrescentada nos termos do capítulo 25 de Salmos, nossa trajetória toma uma direção segura e próspera, porque buscamos Nele a instrução. Aprendemos a sentir prazer nestes momentos de comunhão. Passamos a valorizar cada vez mais esta relação, nos abrimos para experimentá-la e desejamos intensificá-la. Como diz Paulo : “Agora conheço em parte ; então, conhecerei como também sou conhecido.”

Podemos aprender com a própria Trindade a vivenciarmos o prazer em nossas relações, porque se assim for, em todas elas haverá uma “inscrição de ética na intenção”. Chegará o tempo em que vamos conhecer *toda a plenitude* do prazer no relacionamento com o Criador. Isso soa como poesia para o *ouvido meu coração*. Ouvi certa feita a seguinte frase : “Deus é um Deus libidinal Nele mesmo, tem prazer Nele mesmo“. Só conseguimos apreender o sentido, quando somos capazes de perceber, reconhecer e vivenciar o prazer. Pude apreendê-lo refletindo sobre estas coisas ao amanhecer de um novo dia. Dia que o Senhor fez para nós e eu me alegrei nele.

Que Ele alegre sua vida !

EU SEI UMA COISA BOA SOBRE VOCÊ

“Jesus, vendo Natanael aproximar-se dele, disse a seu respeito : Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo! “ João 1:47

Desprendimento não é exatamente uma característica comum às pessoas nestes tempos de crescente evolução tecnológica. Vivemos o tempo da racionalização do trabalho e das atividades pessoais. Não seria muito esperar que o tempo “ganho” fosse aplicado na qualidade de vida. Entretanto, não é assim que tem funcionado. Ganha-se tempo para investir tempo em outra e outra e outra atividade. Até o lazer tem tempo cronometrado e segue a tendência da moda, de maneira que mais se parece com uma obrigação. O tempo é um recurso valioso. Dedicá-lo ao outro como doação e não como artifício na busca de alcançar propósitos pessoais, envolve uma liberalidade cada vez mais rara.

Quando lemos os evangelhos e analisamos o comportamento de Jesus, nos deparamos com alguém disposto a doar seu tempo e com um olhar profundamente perceptivo. O trecho mencionado acima é apenas um exemplo. Pode-se alegar que Ele tinha poderes sobrenaturais não disponíveis ao homem “normal” . O fato é que Ele veio, entre outras coisas, para nos ensinar que somos capazes de muito mais do que imaginamos. Ele veio nos ensinar a *viver a grande aventura humana*, que só é plenamente possível através de relacionamentos. Temos a oportunidade de nos relacionar com o Criador, conosco, com o outro e com toda a criação. Existe uma inter-relação entre todos os elementos do cosmos. A opção e forma de fazê-lo, fica a nosso critério. Podemos inclusive, simplesmente ignorá-la. Entretanto, não foi assim que Jesus ensinou e é sobre essa percepção tão evidente em suas palavras e ações que quero considerar sob a ótica, inclusive, de uma abordagem psicanalítica.

Existem vários aspectos importantes para que um profissional venha a obter o sucesso na praxis psicanalítica, o desenvolvimento da percepção é um deles. Podemos subdividi-la em : Autopercepção, Percepção do outro e Percepção de Contexto. Se a psicanálise busca a “palavra que mora em segredo, escondida no silêncio”, encontrá-la exige dedicação, perseverança e muita percepção. Todos nós a temos em maior ou menor grau, o que significa que podemos desenvolvê-la e aprimorá-la. Cabe salientar que auto-percepção é fundamental. É

o *start* do processo. Considero um exemplo de sabedoria o ministério de Jesus ter efetivamente iniciado após seus 30 (trinta) anos. Jesus tinha toda uma *vivência terrena para aprender*, antes de apresentar-se oficialmente para ensinar. Um bom psicanalista precisa, além de conhecimento do fundamento teórico e ser potencialmente perceptivo, de vivência, maturidade, experiência. Precisa ter conhecido sua própria dor, tê-la vivenciado e ter aprendido com ela. Julgo isso essencial para quem pretende ser instrumento para transformar “luto em investimento de luta”. O Mestre aprendeu sobre si mesmo, sobre sua *carne*, sobre os que encontrou à medida em que caminhava e sobre as condições de vida nas quais estavam inseridos, antes de se apresentar como tal.

A fala é instrumento para expressão. Fala é comunhão. Ela revela o ser humano, cria, denuncia, expressa a *criatividade*. A criação se manifestou pela fala. A fala e a escuta desta fala são instrumentos básicos para o psicanalista. Porém, se desejarmos ir além da mediocridade, precisamos de percepção para entender a linguagem do corpo, dos gestos, das expressões. Com base nestes aspectos, a psicanálise não pode estar limitada por ortodoxia e dogmas. O mundo não está pronto, está aberto a possibilidades. Nós não estamos prontos, podemos e devemos estar abertos à frutificação e à criatividade. Nossa visão do outro não deve limitá-lo por rótulos, mas propiciar que haja a possibilidade de imprimir a sua própria vida liberdade, fantasia e criatividade, sem paternalismos e com todo aproveitamento do conhecimento teórico e técnico. Enquanto psicanalistas e atuando em nosso *setting*, esta tarefa de colocar nossos recursos à disposição do outro é inerente a praxis. É, na verdade, um compromisso, uma questão de ética.

Ampliando esta condição, o que move e aumenta as batidas do meu coração em relação ao encontro entre Jesus e Natanael é a evidência da relação única e especial que Ele estabeleceu (e continua a estabelecer) com cada ser humano. Sua capacidade de focar o que há de bom para ampliar e contagiar, e trabalhar o que causa algum mal. Veja, a fala de Natanael se percebida apenas pela audição, poderia fazer dele à vista de seu interlocutor alguém com quem não se relacionar. Alguém preconceituoso, limitado. Ao ouvir o que Felipe lhe contava sobre Jesus ele disse : “Pode haver coisa bem vinda de Nazaré ? Disse Felipe : “Vem e vê.” Ao encontrar-se com Jesus, Natanael surpreendeu-se com afirmativa positiva feita a seu respeito. Cabe mencionar que Natanael sabia quem era, porque reconheceu aquelas palavras como verdadeiras. Se assim não fosse, aquela palavra seria inócua, soaria como bajulação. Sua surpresa se devia ao fato de que Aquele homem havia percebido isto, antes mesmo de encontrá-lo. Extrapolando o texto, a visão que Jesus teve de Natanael, no momento relatado - embaixo da figueira - diz respeito a um momento íntimo de introspecção e

reflexão. É possível que fosse um momento de comunhão íntima entre Natanael e Deus, o que envolvia o próprio Jesus. Ao ouvir, então, aquelas palavras não teve a menor dúvida de que estava diante do Mestre, ele o reconheceu.

É bastante conhecida a dinâmica que envolve mostrar a um grupo uma folha branca com um ponto discretamente assinalado. Pergunta-se então o que as pessoas vêem e comumente boa parte responde : “ Um ponto”. Precisamos na nossa caminhada pela vida ver no outro mais que apenas um ponto. Não precisamos nem devemos negá-lo. Mas, precisamos desenvolver em nós a percepção do todo. Inclusive, em relação a nós mesmos, que na verdade é pré-requisito indispensável para sermos capazes de ver isto no outro de forma saudável. Muitas vezes, até reconhecemos características boas nas pessoas, mas quantas vezes estamos dispostos a dizer : “Eu sei algo de bom sobre você ! ” ? Talvez nesse reconhecimento as virtudes se ampliassem e os “pontos” comesçassem a ser removidos... é possível. O fato, é que é bom saber, mas também é bom saber que mais alguém sabe. Não se acanhe! Li um texto adaptado pelo Dr. Enoque Guimarães que tem o título que adotei para estes comentários. Ele diz : “ esse velho mundo seria bom e agradável se cada aperto de mão quente e verdadeiro levasse com ele essa informação : “Eu sei algo de bom sobre você.” ... Seria mais gostosa a vida se nós louvássemos sempre o bem que vemos, pois há muita bondade escondida no pior de você e de mim. Então, vamos praticar aquele bom modo de pensar assim : Eu sei algo de bom sobre você ! Você sabe algo de bom sobre mim ? “.

Não sabemos tudo, sequer de nós mesmos. Neste caso, podemos nos surpreender duplamente ao ouvir o que os outros têm a dizer. Se estivermos abertos, estaremos constantemente adquirindo novos aprendizados que se apresentarão de tantas e tantas e tantas formas diferentes. É o que faz da vida uma aventura. É o que mantém em nós a excitação em relação ao desconhecido que está prestes a se revelar. Aproveite todos os encontros. Cresça, influencie, deixe-se influenciar pelo que tem brilho, cor, energia, amor. E sempre que for verdadeiro não deixe de dizer : “Eu sei algo de bom sobre você !”.

Que Deus nos ajude a fazê-lo !

O ANDAR NO ESPÍRITO

“andai no Espírito e jamais satisfareis as concupiscências da carne”. Gal 5:16

Calma ! Não pretendo ser moralista nem utópica. É possível que ao ler o versículo acima você tenha tido vontade de “pular” este texto. Peço paciência. Peço que me acompanhe. Reflita comigo, este é o objetivo.

Muitas são as definições atribuídas a expressão “andar no Espírito”. Algumas, a expressam como algo ligado a um total despreendimento do que é material, corporal e afetivo, como se fosse isso possível. Outros a reduzem transformando o ato contínuo em momentos esporádicos a serem experimentados por alguns “iluminados”. Procura-se esta sintonia com o Místico, através da semi-consciência, da meditação, de viagens astrais, encontros com o transcendente no campo místico ou até científico. Cada religião tem sua forma de buscar a presença do Sagrado. Alguns grupos reúnem-se para invocar espíritos, criam símbolos e ritos para este fim. Outros grupos também reúnem-se para buscar um espírito específico, invocando-o também através de símbolos e ritos em suas reuniões. Em ambos os casos, a emoção reprimida e não depositada em objetos reais cotidianamente, torna-se descontrolada e pode levar a exageros, aos famosos *delírios coletivos*. A busca é pela experiência momentânea com o sobrenatural, que espera-se, seja espetacular. Teria isso algo haver com *o Andar no Espírito* ?

Compartilho da opinião de que autores não necessitam de interpretes para chegar ao leitor, eles não precisam que alguém diga o que queriam dizer, porque efetivamente já o fizeram. Eles falam para quem os lê. Quem lê entenda segundo sua percepção. Fique claro que falo segundo o que me é possível entender.

Gosto de palavras. Gosto de usá-las com o sentido que elas têm em seu contexto. Para orientar nosso comentário, nos utilizaremos de conceitos. Carne, no sentido bíblico, refere-se a corpo físico. O corpo é regido pelos cinco sentidos : tato, visão, audição, olfato, paladar. Estímulo e reação. Sensações de prazer e dor. Instintos. Exatamente como acontece com os outros animais, os

irracionais. Espírito, diz respeito a entidade sobrenatural, incorpórea. No sentido bíblico, é aplicada a uma pessoa distinta da Trindade, neste sentido aparece com letra maiúscula, ou ao espírito humano, parte do *ser* composto de : corpo, alma e espírito. Seria a porção de Deus derramada sobre toda a carne. Paulo os coloca, espírito e carne, diretamente opostos um ao outro atuando dentro do ser humano. Um conflito que os cristãos percebem, vivenciam e para o qual não haveria forma de superar, a não ser, entregando a supremacia a um deles. Difícil fazê-lo e ainda assim sentir-se bem, saudável emocionalmente. Como dissemos, somos corpo, alma e espírito. São indivisíveis e inseparáveis. Fomos criados assim. Não podemos separá-los, no máximo, podemos distingui-los. É o que Paulo faz didaticamente no texto, inclusive excluindo a alma, que era uma percepção mais clara para os gregos naquela época do que para os judeus.

Uma das características do corpo é a expectativa de resposta rápida. O corpo não espera, não é natural para ele. Ele reage a estímulos é regido pelos sentidos, como já dissemos, e tem suas próprias necessidades. A alma abriga a inteligência, a razão, as emoções. O espírito é a nossa ligação com a ilimitabilidade, a eternidade, o Sagrado. Nosso espírito é responsável por estabelecer nossa ligação com o Espírito de Deus em todas as três dimensões. Entendemos que Paulo ao falar em termos dualistas, tratando corpo como “mau” e alma como “bom”, o faz para atingir de forma clara todos os que o liam e ouviam, facilitando o entendimento de algo tão complexo e subjetivo. Enquanto aqui vivemos e, pessoalmente acredito que continue sendo assim no “por vir”, o espírito não pode prescindir de corpo e alma; o corpo não pode prescindir de alma e espírito; alma não prescinde de corpo e espírito. Portanto, precisamos de equilíbrio entre eles para vivermos abundantemente. A tarefa é difícil de ser realizada. Mas, tenho uma boa notícia, é possível. Chega-se a esta conclusão quando lemos, ao menos, o capítulo inteiro de gálatas que inicia de forma belíssima : “Para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos submetais, de novo, a jugo de escravidão”. Gál 5: 1.

Liberdade !

Ainda que possivelmente não alcancemos completamente o sentido desta palavra, pelos limites com os quais convivemos nesta dimensão de vida, sou apaixonada por ela. Por aquilo que já posso apreender e viver. Quem tem o Espírito de Deus é livre, portanto não precisa viver subjugado a nada. Nós, cada um de nós, escolhemos quem terá essa tarefa de equilibrar a atuação de cada força. Se escolhermos a carne, estaremos subjugados aos seus desejos e vontades, a sua incoerência e a sua grande capacidade de entristecer, minimizar e humilhar o outro, visando apenas sua satisfação. Se escolhermos a

alma, poderemos ser subjugados pela razão ou pela emoção. Se pela razão, seremos regidos pela ética cultural, pelos padrões morais ou sócio-políticos, por dogmas e ritos religiosos; seremos bem aceitos socialmente e infelizes por fazer, apenas, o que dizem que devemos; faremos o que esperam de nós e nunca o que queremos, o que desejamos, ainda que acreditemos interiormente ser correto. Se pela emoção tenderemos sempre a deixar-nos levar pelas circunstâncias, pelo aparente e superficial, sem critérios de parametrização. Enfim, se escolhermos o deixar-se guiar pelo espírito, seremos livres, limitados apenas pelo Amor. Ele dará o tom. Ele fará o equilíbrio. Gosto das palavras ditas por Jesus em Mat 7:12 a : “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles”.

A espiritualidade do homem não é óbvia. Óbvio é justamente o contrário, somos matéria sujeitos a degeneração e corrupção. Nietzsche, em seu limite de percepção - não ignoro que tenha sido um brilhante pensador - declarava que o homem é corpo e somente corpo. Era o que sua experiência imediata percebia. Pessoalmente, gosto do pensamento de Tomás de Aquino, pensador de época bem mais remota que, entretanto, trata a corporeidade sem excluir o aspecto espiritual e sem apresentá-la como má em si mesma, diferentemente de contemporâneos seus que viam o corpo sempre como mau. Battista Mondin, nosso contemporâneo, diz : “nós que nos interrogamos sobre o homem, que nos escutamos, que nos falamos, que conversamos, que dialogamos, o fazemos graças à matéria, mas por causa do espírito que está em nós “. Logo, o corpo não é necessariamente mau, ele expressa o que abrigamos em nosso interior. É Jesus quem diz, também no Sermão da Montanha : “se teus olhos foram bons, todo o seu corpo o será.” Mat. 6:22.

Olá ! Ainda tem alguém aí ?

Olha, penso que *Andar no Espírito* é aprender a esperar. Espera é o principal motivo do conflito entre carne e espírito. O corpo quer ser respondido instantaneamente - nossas emoções também são imediatistas - nós primeiro sentimos e depois pensamos. Não é natural ao corpo, a disciplina. Ela, constitui-se num constante aprendizado quando o espírito prevalece. A espera, dá tempo a razão de analisar antes de escolher. Por outro lado, é através do corpo que experimentamos todas as coisas e expressamos o que há em nós, o que se passa em nosso interior. Os frutos do espírito se expressam em nossas ações, a maior parte deles se refere sempre a uma ação em relação ao outro. O corpo é necessário e tem a beleza dada através de formas definidas pelo próprio Criador.

Vida abundante, saúde psíquica, equilíbrio emocional, só se consegue quando aceitamos a liberdade concedida através da graça e deixamos de nos justificar pela lei, por rígidos códigos de conduta. Deixemos a infantilidade de crer que as experiências sobrenaturais espetaculares e esporádicas sejam sinônimo da presença do Espírito. Eventualmente ela até pode se expressar assim, porém, não há regra. O Espírito está constantemente conosco, desejando espaço para atuar. Ele fala interiormente, docemente e firmemente. Espera um diálogo constante. Anseia por intimidade. Fala-se muito em nossos dias sobre “batalha espiritual e guerra espiritual”, criou-se uma doutrina repleta de ritos que pouco diferem do que tanto se critica em outros cultos místicos. Mas, podemos resumir estas expressões em apenas uma : **vida com Deus**. Se andarmos no espírito, não nos conformaremos com este mundo. Lutaremos contra tudo que oprime, humilha, maltrata e degrada o *ser*. Teremos maturidade para não permitir que nossa fé seja tratada com maniqueísmo. Seremos confrontados, ridicularizados por alguns e respeitados por outros, exatamente como aconteceu com o Mestre de Nazaré. *Ele escolheu a liberdade limitada pelo amor*. Foi isso que nos ensinou. Veio nos mostrar que era possível. Alguns de nós resistem a este aprendizado, outros nem sequer tentam, outros estão decididos a continuar o processo, até que se complete. É preciso determinação e empenho. As vezes, nos perdemos em meio a tantas circunstâncias adversas tendo em vista nossas limitações pessoais, sobretudo em situações onde estamos mais frágeis emocionalmente. Caímos, desanimamos, nos entristecemos. Então, nos deparamos com Uma Mão Estendida, pronta a nos ajudar a recomeçar. É tanto Amor, que nos constrange a nos colocarmos de pé e seguirmos em frente, *Andando no Espírito*. Vale a pena ! Não desista ! Invista nesta relação que, diferente de algumas outras, só pode dar certo.

Que a graça e o amor ilimitado de Deus contagiem sua vida !

RELACIONAMENTOS

“... à imagem de Deus os criou; macho e fêmea os criou.” Gên 1:27

Relacionamentos são o que, de fato, mais agregam e acrescentam para o nosso aperfeiçoamento enquanto ser ontológico. São importantes em todos os níveis de contato. Nossa abordagem aqui, entretanto, pretende convidar você a refletir sobre relacionamentos afetivos entre homem e mulher. É possível que a maior crise que já enfrentamos seja a atual : crise de afetividade. Minimizamos o sentimento, supervalorizamos a razão. Competição, matéria, produtos descartáveis e imagem, são valores característicos deste tempo. O sucesso é determinado pelo *ter* e deve ser alcançado a qualquer preço. O *ter* precede o *ser* . O coletivo precede o individual. Numa sociedade globalizada interessa o investimento no que massifica, desautentica e capitaliza.

Sob esta ótica, os relacionamentos importantes são os que apontam para o *ter*. Pessoas que se relacionam nesta dimensão vivem apenas na ordem do gozo. Precisam que os relacionamentos sejam superficiais o suficiente para não criarem vínculos. Visam sempre um benefício particular, jamais essas relações devem fragilizar. As pessoas aprendem a capitalizar o afeto que recebem e mantê-lo na unilateralidade. Para muitos, tudo não passa de um jogo, de satisfazer imediatamente seus desejos, interessa o prazer apenas. Entretanto, penso que não era isso o que estava no coração de Deus ao criar os dois gêneros humanos. Em gên 2:18 está escrito : “não é bom que o homem esteja só, far-lhe-ei uma adjutora que lhe seja idônea”. Algumas traduções dizem “companheira idônea”. O termo em si não é o mais importante, o que o é, de fato, é o sentido : complementaridade. A essência do ser humano é a mesma, porém, homem e mulher manifestam-se, expressam-se de forma diferenciada sobre certos fenômenos. Deus na sua infinita sabedoria conhecia o quanto isso é importante. Tanto o que há em comum quanto o diferente, contribuem para o crescimento de cada indivíduo. A possibilidade de surpreender mantêm vivos os relacionamentos quando o alicerce dos mesmos é, por outro lado, conhecido, claro e valorizado por ambos. As descobertas vivenciadas de forma livre e espontânea no cotidiano, são importantes e propiciam que hajam : as criações, as adaptações, a diversão (rir junto é fundamental), a concentração na busca de soluções para problemas comuns, a contribuição para a solução dos problemas individuais e a

criação de vínculos que consolidam a força do “cordão de três dobras”. Certa vez, ouvi que o fato de Deus ter criado Eva durante o sono de Adão exemplificava o tom romântico da criação. Não terem sido criados simultaneamente fez com que Adão desejasse sua fêmea, sonhasse com ela e a recebesse como benção. Gosto desta idéia, até porque, o romantismo me é algo bastante impressionante.

Falar sobre relacionamento homem e mulher é falar também sobre sexualidade. É falar na maravilhosa possibilidade de alegria e prazer advinda desta experiência. Infelizmente o tema continua sendo *tabu* nas comunidades religiosas de maneira geral. Algumas o ignoram, outras tentam espiritualizá-lo, outras o limitam a simples procriação, outras numa aparente abertura o tratam com superficialidade. Enfim, em todos os meus anos de cristianismo ainda não tive oportunidade de vê-lo abordado de forma clara, objetiva e informativa. É papel da Igreja lançar luz sobre tudo que se relaciona ao viver do homem sobre a terra. Enquanto as igrejas se fecham para o que chamam de “secular”, os meios de comunicação despejam sobre nós sua posição de estímulo a sexualidade irresponsável do ponto de vista afetivo e ético, tornando-a um padrão. Cabe a todos nós, discípulos do Amor, repudiar e vivenciar nossa posição alternativa a este estado de coisas sem hipocrisia e farisaísmo. Foram estas duas características que tornaram o discurso religioso, inócuo.

Lembro-me que logo no início da minha vida sexual, ao passar numa rua deti-me por alguns instantes em observar dois animais em pleno exercício de seu cio. Certamente, por ser também fêmea, eu tenha prestado mais atenção naquela fêmea, particularmente, porque ela parecia alheia ao que acontecia. Então, um pensamento me ocorreu : “que bom ser mulher, ser racional e ter consciência do prazer e das emoções”. Eu era cronologicamente muito jovem e recém-casada , agora, sei que esta capacidade de utilizar-se da razão e da afetividade são características amplamente negligenciadas pelos “racionais”. Homens e mulheres são capazes de regredir tanto que não passam - muitas vezes - em suas relações, daquilo que o dicionário define como cio : apetite sexual dos animais em certo período a cada ano. A diferença, fica no fato de não estarmos (ainda bem !) limitados a períodos anuais. Seria apenas isso o que estava no coração de Deus ao criar homem e mulher ? Não seria esta uma visão reducionista de algo tão belo ?

Nossa sociedade tem características fortemente narcísicas. A importância dada a imagem e a insistência na criação de padrões, privilegiando semelhanças, são um exemplo. Neste contexto estamos inseridos, mas não necessariamente sufocados. Não precisamos ceder ao individualismo e a superficialidade. Todos desejam ser amados, quantos se aventuram a amar ? Há

um poema de Drummond chamado Quadrilha que aborda a questão do que chamo de encontros desencontrados : “João que amava Tereza, que amava Raimundo que amava... que não amava ninguém”. Existem pelo menos duas posições que se contrapõe. Há os que se satisfazem com rápidos encontros, *curtem* o prazer do efêmero. É mais fácil, não se criam vínculos, não se aprofundam, não se responsabilizam e à vista de outra possibilidade de encontro, anunciam (ou nem se dão ao trabalho) o fim, no tempo de sua conveniência. Possivelmente em suas experiências mais remotas não aprenderam a amar. Não se souberam amados e tiveram dificuldade em estabelecer vínculos. Há, todavia, os que sentem prazer na construção de relacionamentos duradouros e investem o melhor de si neles. Arriscam-se, com certeza. É possível que em sua trajetória ocorram encontros com alguém do grupo anterior, provocando desencontros. Então, na caminhada é possível que o outro nem perceba o valor do que esta recebendo, negligenciando-o completamente. Mas, o tempo, as vivências e a experiência devem nos moldar, nos amadurecer, nos aperfeiçoar. Os encontros podem deixar de ser desencontrados. O saldo de quem é capaz de amar e entregar-se de forma consciente e madura, sem perder o respeito próprio e o senso de auto-valorização é sempre positivo. Será revertido de forma ampla para o próximo e de forma restrita e especial para aquele que conosco deseja uma parceria. Entendo parceria como cumplicidade, intensidade, verdade, empenho, união e investimento contínuo. Ainda que muitos considerem uma visão romântica, creio nesta possibilidade. Penso que era isto o que estava no coração de Deus ao criar homem e mulher e fazê-los na sua individualidade viverem o *mistério de ser um*. Não aceitemos padrões reducionistas. Jesus nos deu direito a plenitude. Vivamos plenamente a relação a dois sem ideais ilusórios de “mar sempre calmo”. Adversidades tem o objetivo de crescimento, união e novos aprendizados. Deixemos de confundir tédio com estabilidade. Dedique-se, invista primeiramente em você e depois no outro. Surpreenda quem você ama. Nunca teremos certeza do amanhã. Não podemos responder pelo outro. O que temos, de fato, é o agora. É fundamental sabermos quem somos e que o Deus que É, está continuamente conosco. Dessa forma viveremos plenamente nossos relacionamentos e de forma bela e digna esse presente chamado sexualidade.

Que o romantismo, a surpresa e o prazer advindos da relação com Deus inundem sua vida e façam de você benção e abençoado (a) em um verdadeiro encontro !

O CHAMADO

“Dar-vos-ei pastores segundo o meu coração que vos apascentem com conhecimento e com inteligência”. Ezequiel 3:15

Sou uma apreciadora incondicional de toda a Criação. Não me canso de admirar céu, nuvens, estrelas, lua, sol, rios, lagos, mares, verde, montes, cerrado, horizonte e tantas coisas mais. Impressionam-me, realmente. Entretanto, dentre toda a Criação nada me instiga, intriga, motiva e encanta mais do que o Homem. Na minha concepção, é fascinante o que há de lúdico, absurdo e artístico em todos os paradoxos que caracterizam a existencialidade humana. O homem é um ser bio-psico-social e, é no relacionar-se que adquire conhecimento. Buscar o conhecimento de nós mesmos e conhecer nosso semelhante (por mais diferentes que sejamos) nos aproxima de Deus porque nos leva a conhecer mais do nosso próprio Criador. Cada ser carrega em si algo de Sua essência.

Todos nós possuímos habilidades e temos capacidade para desempenhar bem algum tipo ou vários tipos de atividades. Cada um de nós tem um potencial que pode e deve ser explorado no sentido de obtermos o melhor e oferecermos o melhor. Sem dúvida, somos todos importantes na medida em que estas habilidades se somam e permitem crescimento, desenvolvimento e aprimoramento de toda a multiplicidade que envolve nossa vida no planeta Terra.

Estou procurando tratar com certa imparcialidade o que vou dizer, mas já percebi que é impossível, devido a paixão (não patológica, lembra ?) que me envolve ao tema. Tenho uma profunda admiração por aqueles verdadeiramente vocacionados para o sacerdócio, serviço eclesialístico ou pastorado - palavra que me parece mais adequada quando se refere àqueles cuja vida está totalmente ligada, vinculada e comprometida em apascentar o rebanho que é de Outro. Penso que é maravilhoso e gratificante dedicar-se integralmente a esta nobre tarefa. Reconheço também, o quão árdua pode ser e no quanto pode envolver aridez e momentos de solidão.

Citando, novamente a arte cinematográfica, assisti recentemente a mais um entre tantos filmes que abordam a vida de Jesus. Um trecho em especial chamou-me a atenção. A cena era a seguinte : Jesus ao final de seu ministério, caminhando pela praia, seguido por uma multidão. A certa altura Ele para. Se coloca de costas para o mar e a sua frente estão todas aquelas pessoas. Ele, então, lhes fala durante certo tempo e termina com algo mais ou menos assim : “Durante todo este tempo estivemos juntos, temos nos conhecido e compartilhado vivências. Agora, escolho doze dentre vocês a quem enviarei e terão oportunidade de desenvolverem cada um seu próprio ministério e terem suas próprias experiências”. Neste ponto, começa chamando-os um a um pelo nome. A cada nome chamado a expressão em seu rosto deles era um misto de surpresa, confirmação de uma expectativa e imensa felicidade. Ao aproximarem-se de Jesus eles abraçavam-se comovidos. Quando o décimo segundo se aproximou, fizeram um círculo, Jesus entre eles, e foram orientados sobre o que deveriam fazer quando Ele já não estivesse com eles. Segundo a narrativa bíblica a seqüência dos fatos não seria exatamente esta, de qualquer maneira a interpretação do realizadores do filme é bastante significativa.

Naquele momento, minha atenção que estava dispersa porque estávamos em um almoço de família e todos conversando ao mesmo tempo se concentrou na cena. Fiquei emocionada com aquela questão do chamado. Imaginei como seria ter estado ali, como seria ouvir ESTE chamado. Durante vários dias estive meditando a respeito, considerando minha atuação na vida, naquilo que chamo “nossa esfera de atuação”, lembrando o Apóstolo Paulo. Como influencio e pelo que sou influenciada ? Eu tenho mesmo um chamado ? De que tipo ? Estou atendendo a ele ? Confesso que durante muitos dias estive durante algum tempo considerando e eventualmente me lembrando daquela cena.

Relacionamentos são o que, de fato, nos acrescentam. Sei que já mencionei isso anteriormente, mas quero repeti-lo e, agora, exemplificá-lo através de um episódio simples e corriqueiro. Conversava com uma amiga sobre vários assuntos, entre eles sobre uma mensagem que ela estava preparando. O filme me veio a mente e comecei a compartilhar minhas questões a respeito do chamado de Jesus. Falamos sobre o pastorado, sobre mestres, sobre discípulos, sobre responsabilidades e coisas que envolvem esta relação entre as pessoas na esfera religiosa. O versículo citado após o título deste texto, a bastante tempo fala comigo, me impacta, me desafia. É lindo perceber o cuidado de Deus para com as pessoas. Inicialmente, considerei a possibilidade de que aquelas palavras me indicassem uma possível vocação pastoral - o que não testificava completamente em meu coração. Todavia, provocou uma inquietação. O entendimento foi se tornando mais claro, a partir da reflexão provocada por

outros textos que me são extremamente impressionantes e tornaram-se um marco na minha história, Isaías 42: 1-3 e 61: 1-3 respectivamente :

“Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem se compraz a minha alma; pus o meu espírito sobre ele. ele trará justiça às nações. Não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na rua. A cana trilhada, não a quebrará, nem apagará o pavio que fuma; em verdade trará a justiça;”

“O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos; a apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os tristes; a ordenar acerca dos que choram em Sião que se lhes dê uma grinalda em vez de cinzas, óleo de gozo em vez de pranto, vestidos de louvor em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem árvores de justiça, plantação do Senhor, para que ele seja glorificado”.

Esclareço que os referidos textos são messiânicos. Isaías estava profetizando a respeito de Jesus. Era Dele que falava. Então, o que digo a partir de agora não se refere a um surto psicótico, por favor. Ocorre que ao iniciar minha formação psicanalítica percebi claramente uma vocação. Entendi que ela envolvia de certa forma uma atuação pastoral, porém não no aspecto institucional ou eclesástico, ainda que, realmente o considere belo. Percebi que esta vocação se baseava em ser instrumento de cura para os quebrantados, para apregoar boas-novas (despertar sonhos, esperanças, motivações), para cobrir com vestes de louvor os angustiadíssimos. Percebi que não é minha vocação esmagar a cana quebrada, nem apagar o pavio que fuma. Não me coloco em posição de Juiz. Esta percepção foi se consolidando ao longo do tempo.

Naqueles dias, entretanto, houve uma certa angústia provocada pela crença de ter um chamado, mas alguma dúvida quanto ao fato de, talvez, não o estar atendendo adequadamente. As vezes, tenta nos invadir uma ansiedade de querer fazer mais do que o que estamos fazendo. É hora de resistir a esta tentativa de invasão e buscar o equilíbrio. Aquela amiga me fez enxergar a questão sob uma outra ótica, muito mais abrangente e extremamente bela : “Todos nós recebemos este chamado. Ele é maior do que uma vocação, ou dom, ou uma habilidade. Todos fomos criados para potencialmente manifestar a glória de Deus em nossas vidas, esse é O CHAMADO. Essa manifestação se dá através da nossa maneira de viver, se o que vivemos e falamos for capaz de

transmiti-la . O fato de podermos falar deste Deus da maneira apaixonada com que o fazemos agora apesar das circunstâncias, muitas vezes adversas e do entendimento de nossas limitações, evidencia que estamos atendendo a este chamado claramente”.

Aquelas palavras foram como bálsamo, baniram a inquietação. Na verdade, não era algo que eu não soubesse, mas acrescentou uma dimensão nova ao meu entendimento. Independente de quais sejam nossas habilidades ou qual seja o nosso dom particular, todos temos um chamado. O chamado é um convite a nos espelhar-mos em Jesus, em seus ensinamentos verbais e naqueles que transcenderam as palavras. O chamado é para todos, porque todos somos capazes é uma questão de escolha atendê-lo ou não.

Pense naquela cena que narrei e imagine Jesus dizendo neste instante o seu nome. Chamando você. Pode parecer absurdo. Mas, Ele se interessa pessoalmente por você e deseja que a sua vida manifeste o Seu amor. Algumas pessoas imaginam Deus de forma tão distante que pensam que jamais Ele perderia tempo se ocupando de um simples mortal, cheio de imperfeições. Eu poderia usar uma série de argumentos contrários a este pensamento. Poderia também, ser confrontada com uma série de outros na direção oposta. Entretanto, não é meu papel - nem me agrada ou interessa fazê-lo - o de procurar convencer a quem quer que seja sobre o que quer que seja. Tenho apenas a minha história para contar. O que posso fazer é compartilhar minhas crenças e aprendizados. Posso tentar transmitir meu afeto aos que me acompanharam até aqui na exposição destas vivências e percepções. O que posso dizer é que meu coração poderá bater ainda mais intensamente se de alguma forma eu puder ser instrumento para que você descubra a realidade desta possibilidade de vida a caminho da plenitude que o Homem de Nazaré propôs. Ou ainda, se tiver podido alcançar os que já estão vivendo nesta dimensão e tenham se sentido identificados ou acrescentados por esta leitura. O que posso dizer é que creio neste tipo de vida.

Que o Deus de VIDA PLENA acrescente brilho, luz e cor as nossas vidas !

Um forte abraço !

Edna Cassiano